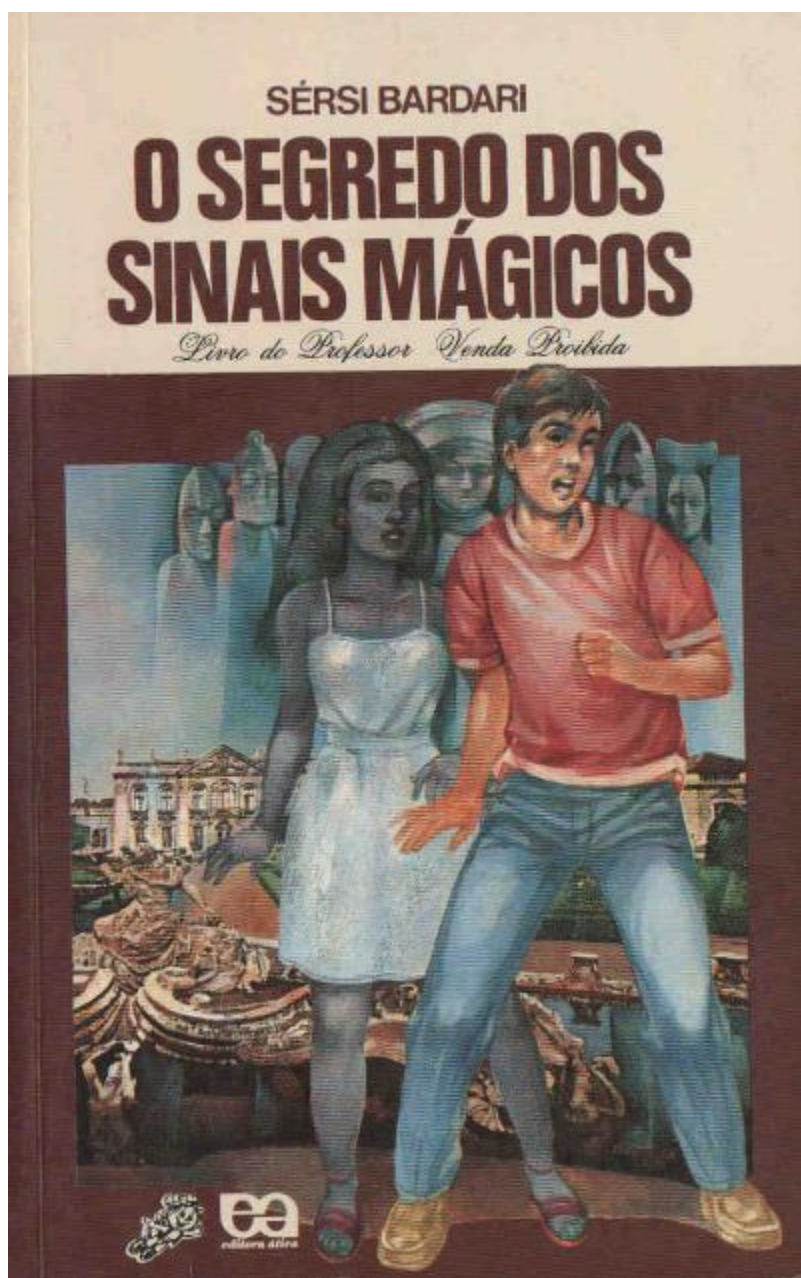


O Segredo dos Sinais Mágicos



Sérsi Bardari

Série Vaga-Lume

TEXTO

Editor

Fernando Paixão

Assessora editorial

Carmen Lucia Campos

Preparação de originais

Lizete Machado Zan

Suplemento de trabalho

Maria Tereza Arruda Campos

ARTE

Editor

Ary A. Normanha

Ilustrações

CAPA E INTERNAS

Edgard Rodrigues de Souza

Diagramação e arte-final

Fukuko Saito

Antonio U. Domiencio

Paginação em vídeo

Eliana Ap. Fernandes Santos

ISBN 85 98 04440 7

1993

A AVENTURA DO AUTOCONHECIMENTO

Em *O segredo dos sinais mágicos*, de Sérsi Bardari, uma aventura envolvente - em que não faltam ação e suspense - é criada a partir de um tema espiritual. Essa é, aliás, uma característica comum aos livros do autor, apaixonado pelo ocultismo.

Ao ler os primeiros capítulos desse livro, o leitor pode imaginar-se entrando em contato com a obra de um escritor esotérico. Mas Sérsi rejeita o rótulo.

"A minha preocupação maior é com a necessidade do autoconhecimento, o que impulsiona o ser humano para a busca da espiritualidade" —diz ele, "Quando escrevo, apenas me utilizo das minhas experiências nessa área para mergulhar no inconsciente do personagem, com o objetivo de desnudá-lo na frente de si mesmo e, obviamente, do leitor. "

Foi assim que Sérsi escreveu *O segredo dos sinais mágicos*. Tendo viajado por Portugal com o patrocínio da VARIG, o autor ambienta sua história em Lisboa e arredores, com passagens importantes também em Coimbra. Mas, ninguém melhor do que ele para comentar a trama deste livro.

"Visitar nossa ex-metrópole é como viajar um pouco pela História do Brasil. Uma grande parte do ouro que saiu do país no período colonial ainda pode ser visto enfeitando palácios e igrejas de Portugal. Eu queria falar sobre isso para os jovens brasileiros. Daí, resolvi escrever uma corrida do ouro misturada com uma história de amor e elementos da cultura negra, uma vez que foram os próprios colonizadores que a trouxeram para cá. Portanto, esta é uma aventura de caça ao tesouro, nos moldes tradicionais, mas com muitas diferenças, e claro! Espero que os leitores gostem e que se divirtam."

Este é o terceiro livro de Sérsi Bardari pela Série Vaga-Lume. No primeiro, *A maldição do tesouro do faraó*, o autor, ainda que de leve, aborda o tema da reencarnação. Já em *Ameaça nas trilhas do tarô*, apresenta para os jovens esse oráculo, cuja origem se perde na história.

É essa realidade fantástica que você vai conhecer, acompanhando as aventuras de Sérsi. E não se espante se acabar descobrindo muita coisa a respeito de você mesmo, no decorrer da leitura.

Meus agradecimentos a VARIG- Viação Aérea Riograndense

As informações sobre o candomblé foram extraídas do livro: *Orixás – Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*, de Pierre Fatumbi Verger.

SUMÁRIO

- 1 · SOMOS NEGRAS
- 2 · SERÁ QUE JANAINA VAI?
- 3 · TUDO POR CIÚME
- 4 · O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?
- 5 · O FOGO LEVOU TUDO
- 6 · UMA RECOMPENSA EM MOEDAS DE OURO
- 7 · DESEJO OU TERNURA?
- 8 · VEIO GENTE ESPIONAR
- 9 · SÓ PARA NOS CONFUNDIR
- 10 · MAIS DOIDO DO QUE EU IMAGINAVA
- 11 · UM SÍMBOLO RELIGIOSO
- 12 · TOME CUIDADO COMIGO!
- 13 · ONDE ERA O MERCADO DO REI?
- 14 · VIOLÊNCIA NÃO ESTÁ COM NADA
- 15 · A HISTÓRIA SE REPETE
- 16 · A VARA MÁGICA DE OGUM
- 17 · ELA NAO PODIA TER FILHOS
- 18 · UM MACHADO DE DUAS LÂMINAS
- 19 · UM BEIJO NA HORA CERTA
- 20 · A ÚLTIMA TENTATIVA
- 21 · UMA VISITA INESPERADA
- 22 · EU RESOLVI, ESTA RESOLVIDO
- 23 · O SEGREDO DO PORÃO
- 24 · PRECISAMOS DE AJUDA
- 25 · E O LOUCO SOU EU
- 26 · A PREFEITURA
- 27 · FOI UM DEUS-NOS-ACUDA
- 28 · UM PASSO EM FALSO E ELA MORRE
- 29 · UM TRABALHO DE SALVAMENTO
- 30 · A FORÇA DO DEUS GUERREIRO
- 31 · ORA, MINHA TIA, ME DEIXE!

O SEGREDO DOS SINAIS MÁGICOS

1 SOMOS NEGRAS

— Não se esqueça do que eu lhe ensinei—recomendou Conceição à sobrinha. —Na hora de botar o presente no cesto, faça um pedido.

Era 2 de Fevereiro, dia de festa em Salvador. A praia do Rio Vermelho estava cheia de gente. Muitas pessoas queriam chegar junto à estátua da sereia, onde haviam armado o barracão. Ali ficavam os baldios, que mais tarde seriam levados para o mar. Seguiriam dentro de saveiros, carregados de oferendas.

Vestidas de branco, Janaína e a tia aguardavam na fila. Traziam maços de angélicas, vidros de perfumes e sabonetes embrulhados em papel celofane. Tudo do mais feminino, para agradar Iemanjá.

A sobrinha não se esqueceu do que Conceição havia dito. Mas, antes de pedir, queria agradecer.

—Obrigada, Mãe das Águas! Eu estou muito contente com a minha madrastra. Ela veio de lá—Janaína apontou para o horizonte—, do outro lado do mar. E é tão porreta, essa minha mainha! Foi a senhora que mandou? Agora, só fica faltando um namorado...

—Se oriente, menina!—a tia censurou.

O sol ardia forte, incomodando os olhos grandes e salientas de Janaina. Conceição, mais prevenida, usava uns óculos escuros, de armação vermelha, que chamavam a atenção de todo mundo.

A multidão se agitava na feira de comidas e bebidas, montada nas ruas do bairro. Também não faltavam as baianas do acarajé. O azeite-de-dendê fervendo no tacho, elas fritavam os bolinhos, na hora, e os recheavam ao gosto do freguês.

—Vai vatapá? Vai camarão?... Com pimenta ou sem pimenta?—perguntavam, sentadas atrás de tabuleiros.

Vestiam sete saias de renda, mais brancas e engomadas do que nunca, enfeitadas com fitas azul-claras. No pescoço, usavam colares coloridos. Entre eles, um bem grande, de contas transparentes como as águas, porque era dia de Iemanjá.

Havia muito movimento também na areia da praia. Veias tinham sido acesas por todos os lados. O povo dos letrados batia o candomblé. No compasso do atabaque, filhos-de-santo dançavam, imitando o movimento das ondas. Cantavam, evocando a orixá. Vez ou outra, alguém estremeceu. A *ialorixá* gritava:

—Odô 'Iyá!

—Odô 'Iyá!—repetiam os iasôs.

Mas, na calçada da avenida, todos os sons se misturavam. A música afro se diluía no ritmo do samba, do reggae, do rapé, que tocavam nas barracas. A confusão era tanta que Conceição e Janaína precisavam falar alto. Encostadas na amurada da orla elas assistiam aos rituais.

—Para o ano, com fé em Deus, eu vou estar lá!—prognosticou a tia, estendendo o braço cheio de pulseiras.

—Você resolveu mesmo, hein!—observou a garota.

—Claro que sim. Minha mãe-de-santo já me fez o bori. E logo, logo ela vai me raspar.

Criada no meio de parentes e amigos adeptos da seita, a sobrinha entendeu o que a tia havia dito. Inúmeras vezes ela havia ouvido falar de bori, a oferenda que se faz para confirmar o orixá de uma pessoa. Só depois disso é que ela será iniciada: terá os cabelos rapados e ficará alguns dias recolhida no terreiro. Se passar bem por todas as provas, estará pronta para receber o santo.

Janaína ficou imaginando como seria a sensação de entregar o corpo a um orixá. Ela conhecia os mitos e as lendas desses deuses africanos. Sabia identificar o símbolo de todos. Sentia-se atraída pelas cerimônias realizadas em homenagem a eles. Mas ainda não tinha resolvido entrar para a religião.

—Olhe, a procissão começou—avisou Conceição, de repente.

Dezenas de saveiros transbordando de flores partiam para o mar.

—Parecem imensos buquês flutuando—a sobrinha comentou—Tem coisas no candomblé que são bem bonitas: as danças, as roupas, os acessórios...

Havia emoção na voz da garota. A tia aproveitou. Achou que aquele seria um ótimo momento para convencer Janaína.

—E você, já se decidiu?—perguntou e continuou, sem esperar resposta:—Está combinado; sábado vamos juntas ao terreiro da mãe Naninha. Estou até vendo o futuro: que linda filha de lemanjá você vai me sair!

—Calma aí!—protestou Janaína.—Quero conversar com minha mãe antes.

—Minha mãe, minha mãe!—ironizou Conceição.—Você fala daquela mulher como se ela tivesse lhe parido. Olhe bem para a sua cor, para a minha cor. Nós somos negras e o candomblé é a nossa religião. Essa portuguesa que você chama de mãe não tem nada a ver com isso! Aposto como ela influenciou o seu pai a deixar o terreiro!

—Não diga uma besteira dessas! Meu pai não vai mais porque não quer. E a minha mãe... é assim que eu a considero: minha mãe!... é muito sensível e inteligente, lá? Não tem preconceitos como você.

Nesse instante, os saveiros já iam longe no mar. Os atabaques tinham parado de bater. A festa adquiriu um aspecto profano, com gente embriagada em tudo que era canto. A paquera corria solta.

A garota se lembrou de que tinha encontro marcado com umas amigas. Resolveu ir andando.

—Espere um pouco, Janaína!—pediu Conceição, segurando a sobrinha pelo braço

—Ora, minha tia, me deixei Eu não sei se eu quero ser filha-de-santo.

2 SERÁ QUE JANAÍNA VAI?

Quatro meses se passaram. Conceição ainda tentava convencer Janaína. Sempre que ia ao terreiro, dava jeito de levá-la.

Cada vez mais a garota se inteirava da origem e dos fundamentes do candomblé; do sincretismo dos origens com os santos católicos.

Por trás de tantas histórias, estava a cultura do negro. Janaína gostava de ouvir. Mas não tinha coragem de receber o bori na cabeça e, muito menos, de rapar os cabelos.

—Logo você vai participar também, não é?—insistiu a tia, na volta de uma dessas visitas à mãe Naninha.

—Estou fora!—a sobrinha respondeu.

Elas tinham descido, a pé, a avenida Centenário. Conceição havia acompanhado a garota até em casa, no bairro do Chame Chame. Agora, as duas estavam na cozinha, preparando um lanche.

—Pelo menos na minha festa você vai, não vai? Quero que todos os meus amigos me vejam recebendo lanchê—a tia retomou a conversa.

—Quando vai ser?

—Deixe eu pensar.. Entro na camarinha na outra semana. Os trabalhos de iniciação duram dezessete dias. Quer dizer que o encerramento será no final do mês. Depois eu te aviso a data certa.

Só de se imaginar trancada por todo esse tempo, Janaína sentiu um calafrio. Ainda mais em julho, mês de férias! Depois de tanta chuva e tanta enchente no outono, agora que o sol tinha firmado e o mar estava de novo azul, ela jamais trocaria a praia por qualquer outro programa.

—Nem morta!—exclamou, esquecida do que Conceição havia perguntado.

—Como?! Você não vai?!

—Ah, na festa? Vou, sim! Desculpe, eu estava pensando em outra coisa—disfarçou a garota.

Enquanto isso, não muito longe dali, a madrastra portuguesa de Janaina dava aula de cerâmica, em seu próprio ateliê.

Muitas peças tinham acabado de sair do forno: vasos, potes, pratos, tigelas... Era hora de pintá-las. Tipos de tinta, diversas técnicas e efeitos, Maria de Fátima ia explicando para outras mulheres quando o telefone tocou.

- Ligação internacional—avisou a moça que trabalhava com ela.

Alguém falava muito e rápido do outro lado da linha. A professora foi ficando pálida. Ao desligar o aparelho e voltar para o trabalho, não conseguia dissimular a tensão.

—Nossa, como você está branca!—espantou-se uma das alunas.

—Alguma má notícia?—perguntou outra.

—Quer que eu lhe prepare um chá?—ofereceu uma terceira.

—Não se preocupem, estou bem—afirmou Maria de Fátima.—Mas tenho a impressão de que vou ter de fechar o ateliê por uns tempos. Desculpem!

E assim que o pessoal foi embora, ela pediu para a secretária cancelar os demais compromissos.

—Avisa todas as turmas. Não sei quando as aulas recomeçam. Dize que entraremos em contato.

Depois de tomar essas providências, ficou meio sem saber qual o próximo passo a dar: ir direto conversar com Janaína ou procurar o marido na Fundação Gregório de Matos.

"Vou telefonar para o trabalho dele", pensou em mais essa opção, mas acabou desistindo.

"Telefone de repartição pública está sempre sem comunicação. Acho melhor ir pessoalmente."

Tanta urgência para falar com Raimundo não ia ajudar a resolver o problema de imediato. Era mais por nervosismo que ela fazia tudo depressa. Acelerava o automóvel, costurando no trânsito das ruas da Barra. Na avenida do Contorno, então, quase atingiu velocidade máxima. Em poucos minutos, chegava ao Solar do Unhão.

—Ô, meu bem, você nem precisava ter vindo...—disse Raimundo, assim que viu Maria de Fátima.

Ele pensou que ela tivesse ido lá por causa de um concurso para esculturas que a Secretaria da Cultura estava realizando.

- ... Eu ia levar o regulamento pára casa—continuou o marido.

- Não é isso...—esclareceu a esposa, transmitindo a notícia que havia recebido e explicando o que pretendia fazer. —Quero saber se tu concordas.

—Oras, num caso desses, tenho mais e que concordar. O que eu não sei é se Janaina vai querer ir.

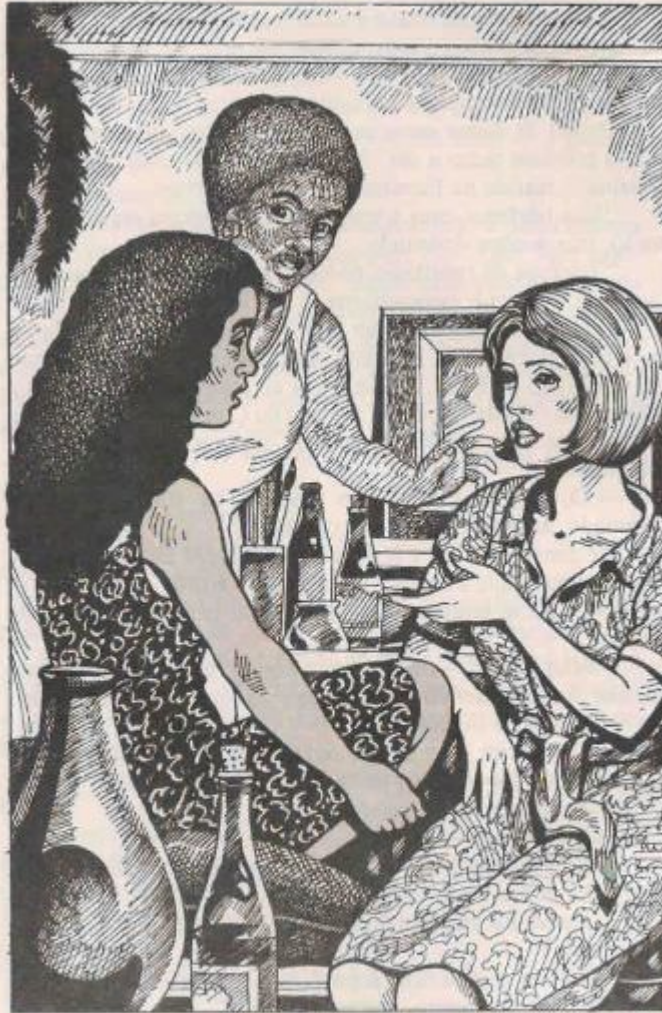
—Acho que ela vai compreender.

—E dinheiro?—perguntou Raimundo.

—Pois é, esse é outro problema. Poderias ajudar-me com a parte da menina?

—Hum! Eu tenho um pouco na poupança... De quanto você precisa?

—Isso eu te digo hoje à noite. Não vai ser muito. O ateliê rendeu bem este semestre, graças a Deus! Só em saber que vais cooperar já fico aliviada. Vou falar com a nossa filha.



— Janaína, eu gostaria que tu viajasses comigo para Portugal
— pediu Maria de Fátima.

Lá foi Maria de Fátima, ansiosa, correndo para casa. Conceição ainda não tinha ido embora e presenciou a conversa das duas.

—Janaína, tu sabes que eu a considero minha verdadeira filha, não é?—falou a madrastra.

—É claro que eu sei!—confirmou a garota.

—Pois então, creio que posso fazer-te um pedido desses...

—Deixe de onda, mãe!

—É que o meu pai está a passar muito mal em Lisboa. Ele pouco tempo de vida...—os olhos de Maria de Fátima encheram-se de lágrimas.—Eu gostaria que tu viajasses comigo para Portugal.

O convite pegou a garota de surpresa. Ela não respondeu de pronto. Aproveitando a hesitação da sobrinha, Conceição se intrometeu:

—Ora, Janaína, o que é que você vai fazer lá? Aquele velho racista não é seu parente nem nada! Veio ao Brasil uma vez, acho que só para agredir o seu pai.

—Foi ele quem pediu para que fosses!—esclareceu Maria de Fátima.—Deve estar arrependido. Precisa do nosso perdão, para morrer em paz... Por favor, minha filha!

A garota olhou primeiro para a tia, depois para a madrastra. Não tinha mais dúvidas.

—Eu vou, sim, minha mãe!

3 TUDO POR CIÚME

Maria de Fátima preparou a viagem depressa. Providenciou passagens e passaportes. Em menos de uma semana, embarcou com a enteada, sem fazer alarde. Apenas Raimundo e Conceição foram ao aeroporto.

—Vão com Deus!—o pai se despediu, abraçando mulher e olha.

—Muito axé!—desejou a tia.—Vou pedir para os orixás protegerem vocês. Voltem a tempo de ir à minha festa, hein!

—Não te posso prometer—avisou Maria de Fátima.

Janaína estava ansiosa. Meio com medo, meio querendo se passar por pessoa acostumada a viajar de avião. Procurava andar ereta: de queixo erguido. Não aguentava. Era só cruzar com algum espelho que torcia o pescoço e esticava um olho para se ver.

O vestido tinha alças finas que realçavam o colo. Parecido com os que ela usava sempre, sem sutiã. A diferença estava no tecido—de linho—e no corte: menos juvenil. O coque nos cabelos, feito pela tia, reforçava na garota o aspecto de moca. Ela ficava parecendo mais alta e estranhava a própria imagem.

Mas, uma vez dentro da aeronave, Janaína se esqueceu da aparência. Quando pôde soltar o cinto de segurança, sentou-se bem à vontade, como era de costume. Pouco importava o atado da roupa. Durante o voo, só se interessava pela conversa com a madrastra.

—Gozado—comentou—, pensei que a minha tia estivesse com raiva por eu ter vindo com você. Mas hoje ela estava tão dengosa.

—Conceição é boa pessoa. Infantil às vezes, só isso—disse Maria de Fátima.

—Ah, não é só isso! Ela é preconceituosa também—opinou Janaina.—Vive criando caso com você.

—Acho que não é preconceito, não. É ciúme mesmo!

—Ciúme?!—a garota ficou surpresa.—E por quê, minha mãe?

Maria de Fátima afundou o corpo na poltrona. O raio de sol que entrava pela janela bateu em cheio no rosto dela. A pele ficou parecendo mais clara, os cabelos mais escuros. Os olhos negros, um pouco tristes, completavam a beleza daquela mulher de quarenta anos. Ela suspirou, lembrando uma velha história. Começou a contar:

—Tu eras recém-nascida. Conceição devia estar com uns quinze anos, dois a menos do que tens hoje, quando conheci teu pai.

—Numa feira de artesanato, não foi?—interrompeu Janaína

—Foi sim. Eu vim ao Brasil representar Portugal. Raimundo, que já trabalhava na Secretaria da Cultura, era o organizador da feira...—a portuguesa contava como se enxergasse o passado. —Ele tinha os olhos tão meigos, um jeito tão doce... Bem, mas não era sobre isso que eu ia falar.

—Você estava falando do ciúme de Conceição—lembrou a garota.

—Ela era apaixonada por teu pai—revelou Maria de Fátima.—Dizia que a morte da tua mãe era ainda muito recente para ele unir-se a outra mulher. No começo, não desconfiei de nada. Pensei que Conceição estivesse a sofrer muito com a morte da irmã...

—E não era pra menos—concordou Janaina.

—Mas depois—continuou a madrastra—, quando fui morar com Raimundo, ela queria por toda a força tirar-te de mim. Dizia que negro devia ser criado por negro, que eu ia estragar-te e mais um monte de besteiras.

—Vixe, que loucura!—exclamou a garota.

—Aos poucos, fui percebendo o jeito com que ela olhava para ele, a maneira como tentava mostrar-se mais prendada do que eu...

—E você não tinha ciúme dela também?

—Acho que sim—confessou Maria de Fátima.—Tinha medo de perder-te. Mas Raimundo deu-me tanto amor e tanta segurança, que logo passei a ver Conceição como de falo da era: uma adolescente mimada, carente até.

—Puxa, como você foi forte!—admirou-se a enteada.— E a sua família, não tentou impedir o casamento com o meu pau?

—Essa é outra história complicada, minha filha. Outro dia eu conto.

Janaina não insistiu. As duas estavam cansadas. Com o ronco dos motores, mais a pressão da altitude, elas adormeceram. Acordaram quase na hora de aterrissar em Lisboa.

Maria de Fátima não demonstrava, mas seguia nervosa para o desembarque. Mais alguns passes e reencontraria a família.

"Como será, meu Deus, depois de tanto tempo?!", era o que se perguntava. "Ainda estarão ressentidos?"

Essa união dela com um negro brasileiro nunca fora acata. Tinha saído de Portugal brigada com todos. Por coincidência, ou não, desgosto ou destino, a mãe havia morrido pouco tempo depois. Vicente, o pai, viajara ao Brasil para atirar essa culpa na cara da filha. José Carlos, o irmão, nunca havia mandado notícias. Não a convidara para o casamento. Nem tinha avisado quando o filho nascera.

Maria de Fátima só sabia dos parentes pelas cartas da tia Mafalda, irmã de Vicente, que dessa vez, com a urgência do caso, havia preterido telefonar. E tinha convencido José Carlos a ir ao aeroporto, naquela tarde.

Ao encarar o irmão, Maria de Fátima estremeceu. O olhar dele estava distante; a fisionomia, inexpressiva. E o cumprimento entre os dois foi assim: um seco aperto de mão. Mafalda recebeu a sobrinha com beijinhos nas faces, mas sem muito calor.

Janaína ficou esquecida, estranhando a frieza daquele encontro. Até que Maria de Fátima fez as apresentações.

A velha balançou a cabeça para a garota, sem se aproximar.

—Como vai?

—É a tua filha?—perguntou José Carlos, num tom irônico, medindo Janaína dos pés à cabeça.

4 O QUE EU ESTOU FAZENDO AQUI?

Janaína percebeu o mal-estar que a presença dela causara. Começou a ficar constrangida

"Metidos, se acham superiores", pensou.

Mas, como sempre acontecia quando era tratada com preconceitos, ela se lembrou dos grupos negros de Salvador, do Olodum, do Ilê Aiyê... Aquele pessoal alegre, criativo, inteligente, que fazia qualquer um sentir orgulho de pertencer à raça negra.

"Ora, eu é que não vou me aborrecer!"

Havia praias perto de Lisboa. Os dias eram compridos no verão europeu. O calor lembrava Salvador.

"Vou mais é curtir minhas férias!", decidiu, ansiosa por conhecer a cidade.

—Vamos, o autocarro está logo ali—avisou José Carlos, empurrando o carrinho de bagagem.

Maria de Fátima seguiu atrás com a tia. Janaína vinha por último, sozinha. Achava bom. Podia observar o movimento sem ninguém distrair a sua atenção. Não precisava ocupar o raciocínio em conversas. E a cabeça ficava livre, para pensar no que quisesse.

Refletia sobre os parentes da madrastra. O irmão, mais jovem, parecia-se com a irmã: a pele clara, olhos escuros. A fisionomia é que era diferente: apresentava um aspecto cansado, sofrido.

A tia—Janaína soube depois—tinha sessenta anos. Mas aquelas roupas cinzas, sombrios e surradas, os cabelos todos brancos e tantas rugas no rosto, faziam imaginar uns setenta e poucos.

No estacionamento, um microônibus esperava por eles. Vale Verde Turismo: estava escrito na carroceria. Em pouco tempo rodando, atenta ao que os adultos falavam, a garota entendeu por que José Carlos dirigia aquele veículo.

—... Faz tempo que trabalhas como motorista dessa empresa?—indagou Maria de Fátima.

—Desde que a loja pegou fogo—respondeu ele, com ar resignado.

—Tem sido muito difícil!—emendou Mafalda.

José Carlos corou. Espiou a tia pelo retrovisor. O olhar era de fúria; o vermelho na face, de vergonha. Mas num instante ele se recompôs. Tentou sorrir.

—A tia está a exagerar. Eu bem que gosto deste emprego. E o salário não está mau.

—Não está mau, não está mau—repetiu Mafalda com ironia, disposta a não compactuar com o jogo dele.—Pois se até a casa está hipotecada e não temos como pagar.

Maria de Fátima tomou um susto. Jamais esperava por uma notícia dessas.

—Não me contaste nada disso nas cartas!—censurou, indignada.

—Porque teu irmão não permitiu Mas já que estás aqui, não há como esconder isto de ti.

Janaína lamentava tudo o que ouvia. Queria tanto comentar a paisagem. Lisboa agitada, antiga e moderna, do lado de fora e ela sem poder perguntar nada sobre o que via.

"Que clima!", desabafou para si mesma.

Os três continuavam exaltados. A garota reparou que o sotaque português da madrastra se acentuava cada vez mais. Às vezes, ela falava tal e qual o irmão e a tia.

—Tu não tinhas o direito de esconder-me uma coisa dessas, José Carlos—reclamou Maria de Fátima, sentida.

—E ias lá preocupar-te com isso?!—argumentou ele, de modo irônico.

—Ô, meu irmão!—ela exclamou, agora, de um jeito bem brasileiro.—Quem você pensa que eu sou, uma desalmada?

—Não e isso!—Mafalda respondeu no lugar dele.—José achava que podíamos resolver tudo antes que ficasses sabendo. Mas é ilusão, não temos condições...

Ninguém respondeu. Continuaram em silêncio o resto do caminho. Ficou mais fácil para Janaína escutar os próprios pensamentos. Ouvia a voz de Conceição, dizendo: "O que você vai fazer lá?".

"Vai ver, ela estava com a razão! O que é que eu estou fazendo aqui?", questionou-se a garota, por um instante.

Mas, no momento seguinte, enxergou os fatos de outra forma.

"É claro que eu devia ter vindo. Com todos esses problemas, minha mãe vai precisar de mim."

Tendo chegado a essa conclusão, relaxou. Olhando pela janela, tentava entender a topografia da cidade. O microônibus entrou por uma rua que era ladeira e curva ao mesmo tempo. No alto, Janaína via as ruínas de um castelo medieval. E quanto mais subia, maior era a vista para o rio Tejo, lá embaixo.

Estavam próximos. José Carlos estacionou junto ao topo de uma escadaria. Nada havia mudado durante os anos em que Maria de Fátima estivera fora. Emocionada, ela reconhecia cada esquina.

—Vamos, minha filha! Daqui, descemos a pé. É pertinho, não te assustes—brincou.

Janaína nunca tinha visto um lugar como Alfama. Salvador tinha muitas ladeiras e também ruas estreitas. Mas não como lá: um labirinto de ruelas tortuosas, becos e escadinhas, por onde carro não passava; o sol quase não rompia, e o vizinhos de frente, querendo, podiam se apertar as mãos através das janelas de suas casas.

—Este é um bairro histórico—contava Maria de Fátima. —Vê a arquitetura, com rachadas de azulejos, como e antiga!

—Que lugar mais bonito, minha mãe!

Havia muitas construções deterioradas e varias reformadas. O sobrado de Vicente era imenso. Amplo por dentro, com duas salas enormes, cozinha e um quarto nos fundos, onde dormia Mafalda, no térreo. No andar superior, quatro dormitórios. E ainda havia um porão. Em outras épocas, devia ter sido a residência mais bonita do bairro. Mas, agora, tão estragada, precisava mesmo era de uma boa restauração, como a que estavam fazendo na casa vizinha.

Ao ouvir vozes do lado de fora, Cecília, a esposa de José Carlos, veio depressa. Usava um avental meio encardido, os cabelos mal presos na nuca. Tinha uma grande ansiedade em conhecer Maria de Fátima. Depois de tantos anos ouvindo falar dela, já admirava em segredo a coragem da cunhada.

—Muito prazer! Fizeste boa viagem? Vamos entrar!...

Ela se atropelava nas palavras. Mal dava chance de Maria de Fátima responder.

—Tu és Janaína!—adivinhou, segurando o queixo da garota com carinho.

"Puxa, até que enfim uma pessoa simpática!", alegrou-se Janaína.

—Venham—continuou Cecília.—Vocês devem estar cansadas, a querer um banho... Segundo eu soube, toma-se muito banho no Brasil. E cá também, é verdade, nesta época de tanto calor... Para o jantar, eu preparei um bacalhau. Vocês gostam?

Maria de Fátima também estava surpresa, feliz por encontrar alguém gentil.

—Nós gostamos, sim, obrigada! Tu és muito amorosa.

Enquanto conversavam, Cecília acompanhou as duas. Primeiro, até os aposentos de Vicente. Espiaram da porta.

—Ele teve uma crise ainda há pouco, mas agora conseguiu dormir—a cunhada explicou.—Mais tarde vocês conversam.

Depois, ela seguiu junto para o quarto onde Maria de Fátima e Janaína iriam ficar.

—Descansem, agora—recomendou.—Jantamos assim que Jorge voltar, pois não?

Jorge, o filho de Cecília e José Carlos, tinha ido fazer um serviço para Mafalda. E chegou logo depois que Maria de Fátima e a enteada ficaram prontas. Ele devia estar por volta dos quinze anos. Magro, alto, tinha os traços do pai: nariz alongado, rosto comprido. Os olhos e os cabelos eram cor de caramelo, como os da mãe.

O ar descansado, depois da ducha, o vestido leve, quase transparente, os cabelos soltos, malhados, tomavam Janaína mais bonita. Ela já estava na sala quando Jorge entrou.

Ele ficou parado, embevecido, os olhos fixos na garota.

5 O FOGO LEVOU TUDO

Eles tinham acabado de jantar fazia algum tempo. O clima entre Maria de Fátima e o irmão estava ameno. Ela falando da vida no Brasil: o trabalho no ateliê, as amizades que tinha conquistado, o amor por Raimundo e Janaína. Ele contando da falta de sorte que rondava a família.

—... Devias ter visto a loja! Era muito bonita, os turistas não resistiriam. Tínhamos acabado de montar. Só com mercadorias da melhor qualidade: porcelanas, tapeçarias, vinhos do Porto velhíssimos, bordados da ilha da Madeira...

—Estávamos tão animados—comentou Cecília—, com tantas perspectivas, que chamamos tia Mafalda para morar e trabalhar conosco. Ela havia ficado sozinha, depois que o filho estudar arquitetura em Coimbra.

—Eu e Cecília passamos noites em claro a bordar—comentou a tia.

—Pois é—emendou José Carlos—, a produção delas também seria comercializada na loja...

—Agora, trabalhamos por encomenda—acrescentou Mafalda.

Janaína estava interessada em ouvir a conversa. Mas, ao mesmo tempo, sentia-se atraída pelo olhar insistente de Jorge. Sentado atrás dos adultos, sem que ninguém percebesse, ele parecia encantado por ela. Volta e meia, a garota também dava uma esticada de olho. Depois disfarçava, fazendo esforço para acompanhar o assunto.

—Sei dizer que pedimos empréstimo ao banco—José Carlos continuou.—Gastamos tanto dinheiro para formar um grande estoque que não sobrou para o contrato do seguro.

—Nossa expectativa era fazer esse contrato assim que a loja começasse a dar lucro. E esperávamos um retorno rápido, porque o ponto era muito bom: lá na Baixa. Tu conheces, região central! —explicou a cunhada.

—Não deu tempo! Veio o fogo e levou tudo. Só não as dívidas lamentou o irmão,—Daí, nosso pai hipotecou a casa...

Maria de Fátima quase chorou. José Carlos ainda falava quando eles ouviram barulho no quarto de Vicente.

—Ele acordou. Vamos até lá!—disse Cecília.

—Vem, Janaína—chamou a madrastra, levantando-se do sofá.

—Não é melhor você ir sozinha, primeiro?—argumentou garota.

—Nada disso! Pois se ele disse que te queria ver! Não é, mesmo, tia Mafalda?!—comentou Maria de Feitio.

—É, sim!—a velha se apressou em afirmar.

Pisando com cuidado o assoalho, elas entraram no quarto.

—Vê quem esta aqui, seu Vicente!—anunciou Cecília.

—Minha filha!—ele exclamou, com voz débil e mal conseguindo abrir os olhos.—Chega mais perto.

Ela estava emocionada. Correu ate o leito. Segurou a mão do pai e a beijou.

—Com a sua bênção, meu pai!

Percebendo a presença de Janaína, o velho disse:

—E você, garota? Quase não enxergo. Se ficares longe, como posso ver-te?

Janaína aproximou-se da cama, meio sem graça, meio impressionada. Nunca tinha visto alguém tão velho, doente daquele jeito, magro e acabado.

A cena era comovente demais para Maria de Fátima. Ela queria dizer alguma coisa, mas nada saía da sua garganta.

De repente, Vicente sofreu um ataque de tosse. O sangue subiu para o rosto. Os olhos eram duas bolas de fogo, de tão vermelhos.

Cecília parecia ter prática em situações como essa. Com uma das mãos ajudou o velho a sentar-se. A outra foi logo alcançando uma bacia, para que ele pudesse cuspir.

O estômago de Janaína se revirou. Ela sentiu repulsa ao ver o moribundo escarrar.

O acesso logo passou. Mas alterou o estado de consciência do doente. Vicente não conseguia mais conversar com elas. Mexia os lábios, cochichando palavras sem nexos, com alguém que só ele via.

—Tem sido sempre assim—esclareceu Cecília.—Agora ele demora para voltar ao normal.

—E o que é normal para ele nesse estado, meu Deus? —desabafou Maria de Fátima.

—Sabe-se lá com quem conversa!—a cunhada comentou.

—Pelo menos, enquanto isso ele não sofre—observou Janaína. —Vamos deixá-lo em paz—sugeriu a filha.

Ao se recolherem, Maria de Fátima e a enteada ficaram conversando antes de dormir. Janaína queria saber que doença o velho tinha. A madrastra disse que tudo havia começado com um câncer no intestino, mas agora estava generalizado.

—Vai ver é castigo, por ele ter sido tão ruim com você! —comentou a garota.

—Não fale assim, Janaína!—protestou Maria de Fátima. —Vamos dormir!

Na manhã seguinte, Vicente acordou melhor. Tomou o café da manhã com certa disposição. Depois, pediu à Cecília:

—Chama aqui o meu neto mais essa menina, enteada da Maria. Quero conversar com os dois, a sós.

Cecília saiu do quarto intrigado.

"Que assunto terá ele para falar aos jovens?", ela se perguntou, indo fazer o que o sogro havia pedido.

Jorge e Janaína foram até o quarto do velho. Trocaram olhares curiosos no corredor, antes de entrar.

—Fechem a porta, para que ninguém nos ouça, e aproximem-se, crianças!—disse Vicente.—Vou direto ao assunto: é sobre o ouro.

—Outra vez, vô, essa história!—exclamou o neto, com ar desanimado.

Janaína não estava entendendo. O velho insistiu:

—Tenho uma informação nova, que pode ajudar a encontrar essa fortuna. Afinal, ela nos pertence por direito de herança...

Jorge olhava para o teto, impaciente. A garota ia ficando mais e mais curiosa.

—Uns dias antes de cair nesta cama—continuou Vicente —, descobri uma mensagem. Fiquei calado para não pensarem que eu tinha enlouquecido de vez. Mas, agora que estou nas últimas, não posso levar esse segredo comigo

—Conta, então!—sugeriu Jorge, carinhoso, porém, sem interesse.

—Eu remexia no porão... Poucas vezes alguém entrou lá.,tu sabes. Estava a fazer faxina e folheada um livro ao acaso quando encontrei...

—Encontrou o quê?—Janaína não aguentava mais tanto suspense.

—... Uma tira de couro, onde está gravado um símbolo e escrita a frase: *a fé do negro guarda o ouro*.



— Tenho uma informação nova,
que pode ajudar a encontrar a fortuna — anunciou o velho Vicente.

6 UMA RECOMPENSA EM MOEDAS DE OURO

Se na cabeça de Jorge a revelação de Vicente só provocou indiferença, para Janaína trouxe inquietação.

"O que será que ele quis dizer?", ela se perguntava, descendo para o café da manhã.

Maria de Fátima e Cecília estavam na cozinha, ansiosas para saber o que o avô tinha falado. Foi a madrastra quem perguntou primeiro.

— Ele está melhor hoje, não é, Janaína?

— Está ótimo! — afirmou a enteada.

—E o que foi que vocês conversaram?—ela insistiu, enquanto servia o leite.

A garota hesitou, sem saber se deveria ou não contar.

—Sobre aquela história caduca do ouro!—quem respondeu foi Jorge, chegando nesse instante. Mas não entrou em detalhes.

—Nossa, ele ainda fala disso?—Maria de Fátima se lembrou de quando morava em Portugal.

Mas, Janaína continuou sem entender. Até que Jorge, mais tarde, explicou tudo para ela.

Havia uma lenda a respeito dos Amendoeira. Desde o tempo em que um antepassado da família tinha desaparecido de forma misteriosa. Era Mateus Vicente que, na segunda metade do século XVII, havia se tornado arquiteto famoso e ajudado a reconstruir Lisboa, depois do terremoto de 1755.

—Corre um boato—dizia o rapaz—que ele ganhou do marquês de Pombal uma recompensa em moedas de ouro...

—Marquês de Pombal!—repetiu Janaína, puxando pela memória.—Já ouvi falar desse cara na escola.

—Cara?—Jorge não entendeu.

—É, cara, quer dizer, homem—a garota explicou

—Vocês chamam homem de “cara”? Que engraçado!

Os dois conversavam sentados do lado de fora da casa, na soleira da entrada.

O beco onde morava a família tinha o formato de triângulo. Alí, a vida era calma e sempre igual. Crianças brincando no chão, gatos ociosos dormindo pelos cantos, uma negra varrendo a porta da casa todas as manhãs e, no banco encostado ao muro, o Manuel. Naquele dia, ralhando com um cão.

Nos últimos tempos, a única presença diferente era a equipe de construção. O sobrado vizinho ao de Vicente ia sendo restaurado. O engenheiro de obras, um jovem elegante, supervisionava com cuidado cada detalhe.

De repente, Jorge parou de falar sobre o caso do ouro. Refletia. Janaína reparava no ambiente.

—Aquele velho é o Manuel Louco—explicou o rapaz, ao notar o interesse da garota.

—Ontem, quando eu cheguei, ele estava aí, do mesmo jeito. —ela comentou.

—Enquanto cá estiveres, vais vê-lo todos os dias, do mesmo jeito—falou o garoto.

Manuel era sustentado por uma irmã solteira. Os dois moravam num cortiço. Mas ele vivia meio sujo, na rua, conversando sozinho e com os bichos da vizinhança. Por isso, todos o chamavam de Manuel Louco.

—Ele é louco de verdade?—estrANHou a garota.

—O que tu achas?...

O homem notou que falavam dele. De longe, deu um logo sorriso com os três únicos dentes que possuía.

- Bom dia, jovens!—ele acenou com a mão.

—Bom dia!—repetiram os dois.

- Pobre Manuel!—suspirou Jorge.—Sabes que na juventude ele foi amigo do nosso vô?

Esse "nosso vô" soou como um carinho aos ouvidos da garota. Ela se sentiu encorajada para retomar o assunto interrompido.

—Mateus Vicente recebeu um dinheiro alto, e daí, o que aconteceu?

—Ele morreu sem gastar uma moeda sequer. É o que dizem —respondeu o garoto, meio incrédulo.

—Ah, me conta tudo de uma vez!—Janaina pediu, de um jeito tão meigo que destravou a língua de Jorge.

—É uma longa história—iniciou ele.—No reinado de D. José I, quem governava era o primeiro-ministro, o marquês de Pombal.

—Estou me lembrando—disse a garota.—Esse marquês explorou demais o ouro do Brasil.

—Pois foi—continuou Jorge.—Aqui em Portugal, ele perseguiu os jesuítas, enforcou nobres em praça pública. Mas quando D. Jose morreu e D. Maria I assumiu o governo,

todos na corte queriam vingar-se dele, e dos ajudantes dele também. Mateus Vicente ficou com medo de ser julgado e de perder a recompensa.

—Então, escondeu o ouro!—concluiu Janaína.

—Ele era viúvo, estava muito velho. Conforme contam, pretendia deixar a fortuna para o filho, que estudava na França.

Nesse momento, o engenheiro de obras da casa ao lado começou a fazer urnas medições. Esticando uma trena, o homem aproximava-se dos jovens cada vez mais. Intuitivamente, eles abaixaram o tom de voz.

—E como esse boato chegou até hoje?—quis saber a garota.

—Naquela época, essas notícias corriam de boca em boca pela cidade. Quando o filho de Mateus Vicente voltou para Lisboa, logo ficou sabendo da herança. Mas nunca encontrou nada.

—Puxa, isso é mais do que uma lenda!—exclamou Janaína.—Pode até ser verdade!

—Segundo o nosso vô, existem documentos nos arquivos da cidade que citam o nome de Mateus Vicente e as obras que ele realizou—acrescentou Jorge.

—E agora aparece essa tira de couro, com uma mensagem! —refletiu a garota em voz alta

—Primeira prateleira, sétimo livro da esquerda para a direita... Foi isso o que o vô disse, não foi?—o rapaz se lembrou, decidindo:—Vamos procurar no porão!

7 DESEJO OU TERNURA?

Jorge se imaginou o próprio detetive. Mas, como ainda desconfiava da sanidade mental do avô, não queria que ninguém mais soubesse do segredo.

—Não comentes em casa que nós vamos investigar—ele recomendou a Janaína.—Se calhar, não achamos nada. Vão pensar que somos parvos!

—Parvos?!—a garota nunca tenha escutado essa palavra.

—Tolos—esclareceu o rapaz, continuando:—Precisamos armar um plano para visitarmos o porão hoje à noite, enquanto todos dormem.

—Isso é fácil!—incentivou Janaína.

—Tenho de pegar a chave no quarto dos meus pais, antes que se recolham. Vamos fazer o seguinte: você...

Jorge foi interrompido. A voz de Mafalda, vindo de dentro do sobrado, chamava por ele.

—Vais ter de sair para mim—disse a tia, ao abrir a porta.

E foi logo explicando do que se tratava.

—Na encomenda que entregaste ontem à tarde para aquela loja, faltou um jogo de lençóis. A mulher já ligou a reclamar.

—Pois eu vou até lá!—concordou o rapaz.

Enquanto Mafalda entrava para pegar o pacote, Janaína perguntou:

—Posso ir com você?

Ele teve duas reações: de alegria e de timidez, ao mesmo tempo. Quando ia responder, a velha voltou.

—Aqui está. Podes levar!—disse da.

—Fala para a tia Mana que a prima foi comigo! —gritou Jorge, puxando Janaína pela mão.

—Prima—repetiu Mafalda.—Pois sim!—resmungou pua si.

O rapaz e a garota subiram o bairro da Alfama. Podiam ter pego um bonde num largo chamado Portas do Sol. Mas Jorge resolveu caminhar até o centro.

Passaram por vários lugares: Sé, praça do Comércio, Rossio. Na rua Augusta, entregaram a encomenda. Depois seguiram sem rumo. O garoto queria mostrar Lisboa para Janaína.

Ela tentava reparar em tudo: prédios antigos, lojas, pessoas trabalhando, turistas de muitos países. Um elevador de ferro levando gente da Baixa para o Bairro Alto. Revistas brasileiras em bodas as bancas de jornais. Cafés nas calçadas.

Havia um ar romântico na cidade. Ou estava dentro de Janaína? Ela e Jorge andavam a margem do Tejo, no cais do Sodré. O sol intenso rebrilhando no leito do rio.

—Estás a gostar?—perguntou o garoto, parado junto ao muro.

—Claro que sim! Lisboa é linda!—exclamou a garota.

O calor era escaldante. Algumas pessoas carregavam sombrinhas. Pedestres curiosos olhavam para o casal: Janaína sentada no balaústre; Jorge com os cotovelos apoiados, bem junto da perna dela. Conversavam.

Em certos momentos, o rapaz era cerimonioso. Falava baixo, doce. Tratava Janaína como uma garota da família. Em outros, a voz dele tinha um tom sensual.

—Tu tens namorado?

—Já tive, mas foi por pouco tempo—ela mentiu. Não queria se mostrar tão inexperiente.

Às vezes, criando coragem, o garoto ia mais longe: bancava o atrevido.

—Lá no Brasil, as mulheres andam sem sutiã?—perguntou com malícia, os olhos fixos nos seios dela.

—No verão, é normal!

Janaína, confusa, procurava entender se o que ele sentia era desejo ou ternura. Jorge, que não conhecia o jeito descontraído das meninas brasileiras, estava atrapalhado em seus julgamentos. Resultado: volta e meia, os dois ficavam constrangidos, calados, até que um ou outro quebrasse o silêncio

—Ei, já passa do meio-dia!—exclamou o rapaz, de repente.—Não é à toa que estou com fome. Vamos voltar!

Janaína também não via a hora de comer. Mas tanto da quanto ele foram almoçar bem tarde naquele dia.

Quando chegaram em casa, o avô tinha piorado. Havia algum tempo que Maria de Fátima estava no quarto do pai.

—Ele teve outra crise!—contou Cecília para os jovens. —E depois pediu para ficar sozinho com ela.

Vicente contava uma história para a filha.

—... Mateus Vicente de Amendoeira, antes de ser arquiteto famoso, foi marinheiro—dizia o velho, forçando a voz.—Ele esteve na África, na época do tráfico negreiro... Mas estou certo de que não aprovava a escravidão.

—Como sabes disso, pai?—perguntou Maria de Fátima.

—Não sei se li em algum lugar ou se sonhei com Mateus e ele me contou... Bem, não importa.—Vicente tinha a garganta seca.—O fato é que eu sei que ele aprendeu muito com os negros. E depois que descobri isso, envergonho-me por ter ido contra o teu casamento... Perdoa-me!

Uma lágrima rolou no rosto do pai. Maria de Fátima foi dar um abraço nele. Mas ele a evitou, com um pedido:

—Por favor, minha filha! Troca a água dessa garrafa. Já está quente!—disse, apontando para uma moringa sobre o criado-mudo.

Sem dizer nada, ela pegou a garrafa e saiu do quarto. Foi até a cozinha.

—Como está ele?—quis saber Cecília.

—Muito emocionado!

- Podemos ir lá?—era Jorge pedindo.

Acho que ele já me disse o que gostaria de dizer. Tenho a impressão de que vocês podem entrar, sim. Vai ser bom!—afirmou Maria de Fátima, já indo com a água fresca.

Janaína e o garoto saíram atrás. Quando os três entraram no quarto, Vicente continuava recostado na cabeceira da cama. Mas os olhos estavam fechados e os lábios, sorrindo. Havia menos rugas no rosto dele, a garota reparou. A pele era de um azul quase transparente.

—Ele já foi—disse a filha.

8 VEIO GENTE ESPIONAR

Maria de Fátima, Janaína e Jorge se benzeram diante do corpo de Vicente.

—Vejam a expressão dele como está leve!—comentou a filha.—Acho que morreu aliviado!—continuou ela, contando tudo o que o pai havia dito momentos antes.

—Nem parece tão velho, agora!—notou o neto.

A garota não falou nada. Apenas chegou perto da madrastra e deu um abraço nela, bem apertado.

Cecília chamou logo um padre. José Carlos foi localizado no- trabalho. O serviço funerário trouxe o caixão, flores e velas. O velório foi montado no quarto do velho. E a notícia se espalhou em pouco tempo.

O sol ainda entrava pela janela quando as primeiras pessoas começaram a chegar. Uma brisa vinha junto, levando até a cozinha o perfume de rosas, cravos e palmas-de-santa-rita.

—Estou enjoado—disse Jorge, sentado à mesa ao lado da "prima".—A comida não me apetece.

Janaína também havia se distraído da fome. Mas era porque pensava na morte, deixando a imaginação se soltar.

"Será que o espírito de Vicente ainda está por aqui?", a garota se perguntou, atenta.

Tinha a impressão de que escutava um sussurro. Ou seria o barulho do vento?

"Vento não fala!", pensou, intrigado.

O que ela ouvia eram palavras: soltas, no começo; formando frases, depois.

"Só você pode ajudar essa família. Só você!"

—Ei, Janaína, come alguma coisa!—recomendou Cecília, tirando-a do devaneio.—Tu também, Jorge. É preciso estarmos fortes. Temos uma longa jornada pela frente.

Caiu a tarde. Escureceu. O sobrado ficou todo iluminado. Vieram vizinhos e parentes de outros bairros: gente que gostava do velho Amendoeira. Mas havia também quem estava lá por obrigação. E até para espionar.

Um senhor gordo, com jeito de executivo, circulava pelo sobrado. Ninguém sabia dizer quem era ele. Causava estranheza o jeito como olhava para o teto, ou examinava as janelas. Com o nó dos dedos, deu três toques no batente de uma das portas.

—Quem será?—perguntou tia Mafalda.

—Não faço idéia—respondeu Cecília.

Outro que chamava a atenção era o Manuel Louco. Ele te bem tinha ido dar adeus ao amigo. E chorava feito criança. Queria abraçar o defunto. Como não o deixavam, conformava-se era ficar perto, olhando. Recordando, em voz alta, falava dos tempos em que ele e o morto eram rapazes. Contava histórias picantes das noitadas dos dois. Em seguida, chorava de novo.

Aquilo estava ficando constrangedor. José Carlos foi obrigado a intervir.

- Jorge, meu filho! Leva o Manuel para a cozinha. Dá um chá, uma bebida... qualquer coisa para ele acalmar-se.

Um copo de vinho foi o que o garoto ofereceu, colocando o garrafão em cima da mesa. Manuel Louco bebeu. Gritou mais umas besteiras. Depois, fixou os olhos em Jorge e disse:

—Teu avô estava a chegar perto. Agora és tu quem deves procurar. Só no dia em que o ouro for encontrado é que todos poderão descansar.

—Todos, quem?—perguntou Jorge, impressionado com os olhos arregalados de Manuel.

—Os teus antepassados!—concluiu o velho, ficando quieto de uma vez.

Enquanto isso, o entra-e-sai naquela casa continuava. Toda a madrugada foi assim. E a noite inteira passou sem que Jorge e Janaína pudessem ir ao porão.

Agora, de manhã, o féretro estava saindo, seis homens carregavam o caixão pelos estreitos da Alfama. Um deles era o primo Pedro, filho de Mafalda: um tipo mouro, por volta dos vinte e cinco anos, de cabelos negros e barba espessa. Havia chegado no primeiro irem de Coimbra.

O acompanhamento lotava as ruelas. Um carro funerário esperava na avenida, do lado de baixo do bairro. O enterro ia ser no cemitério dos Prazeres, numa outra região da cidade. Com o trânsito congestionado, o cortejo levou muito tempo para chegar.

José Carlos leu uma oração à beira da sepultura. Maria de Fátima tinha os olhos inchados; Cecília, um ar de cansaço. Mafalda, como desde o começo, cuidava dos detalhes.

—Tragam a coroa de flores—ela ordenou, num determinado momento.

O sol ia alto quando o funeral terminou. Devia ser por volta do meio-dia. No microônibus da Vale Verde Turismo, os Amendoeira voltaram exaustos para casa, com fome e com sono. Mas eles não puderam comer nem dormir.

O sobrado estava revirado; como se ali tivesse entrado um ladrão. Aparentemente, nada havia sido roubado. Mas...

“E do porão?”, pensou Jorge.

" E do porão?", pensou Janaína.

Os dois se olharam.

9 SÓ PARA CONFUNDIR

Mafalda correu para o quarto dela. José Carlos e Cecília, estupefatos, verificaram a casa inteira. Maria de Fátima saiu procura da bolsa onde havia guardado o dinheiro da viagem.

Depois de muito examinarem, ficou confirmado: nada tinha sumido. Na sala, uma discussão logo se armou Cecília queria chamar a polícia. O primo Pedro também. José Carlos era completamente contra.

—Daremos queixa de quê?—interrogou ele, de pé, junto à janela.

—De que reviraram a tua casa!—rebateu o filho de Mafalda, também em pé, próximo ao batente do vestíbulo.

—Mas, se não roubaram nada—continuou José Carlos —, os policiais vão querer investigar as razões dessa invasão. Quando ouvirem por aí o que o pai andava dizendo sobre moedas de ouro, podem acontecer duas coisas: ou acham a história um absurdo, e o nosso nome vira piada de jornal; ou pensam que estamos escondendo dinheiro para não pagarmos a hipoteca.

—Lá isso é verdade!—repetiu Maria de Fátima. E o e caso vai repercutir de forma negativa.

—Eu posso perder o emprego—concluiu o irmão.

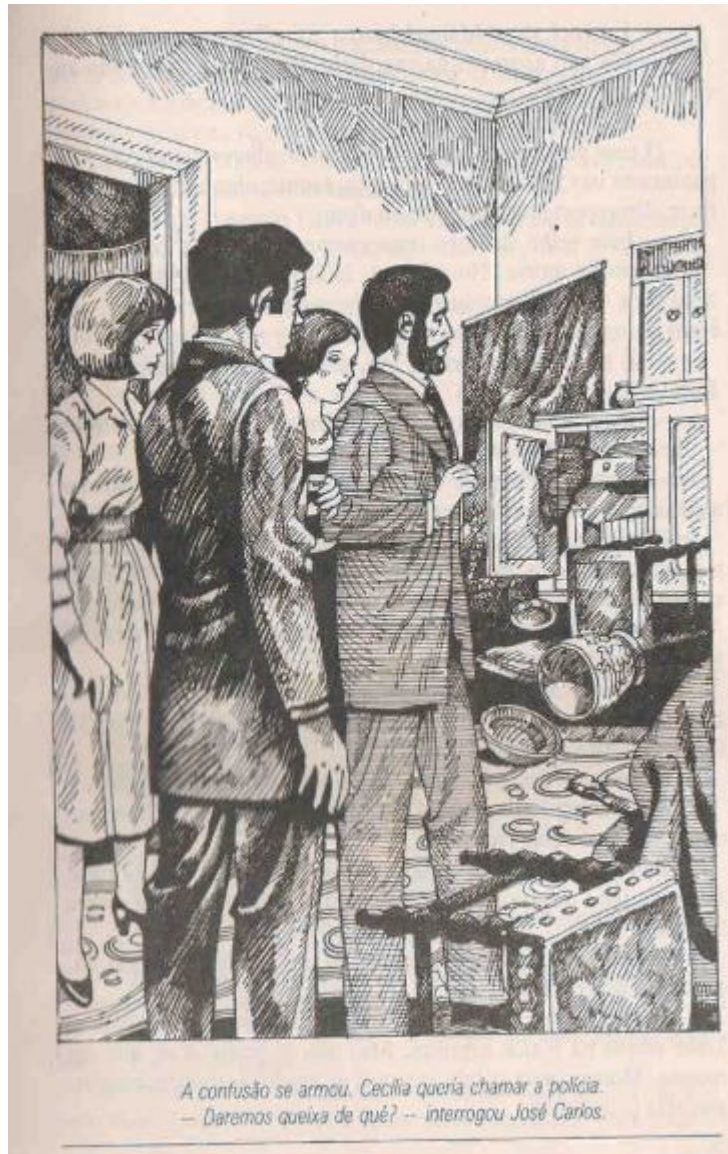
Cecília já havia mudado de opinião.

—Um fato deixou-me intrigado, ontem à noite—Maria de Fátima voltou a comentar.—Aquele homem a investigar tudo por aqui, durante o velório. Quem seria ele?

Todos ficaram calados até que Cecília quebrou o silêncio.

—Tenho uma idéia. Vamos perguntar para o Manuel Louco. Quem sabe ele viu alguma coisa!

José Carlos abriu a janela e olhou para o lado de fora. Manuel não estava no lugar de sempre. Mas um garoto do bairro vinha passando.



—Ei, você viu o Manuel Louco por aí?—perguntou José.

—Ele não apareceu na rua, hoje. Pensei que tivesse ido ao enterro com vocês.

—Não, ele não foi. Obrigado.

O caso parecia sem solução. Todos se olhavam como se perguntassem uns aos outros o que teria acontecido; o que deviam fazer. De repente, Mafalda desabafou:

—Esse velho do meu irmão sempre causando problemas. Até depois de morto. No mínimo, falou tanto dessa história do ouro para toda a gente, que houve quem acreditasse. Agora, nós é que vamos aturar as consequências.

—É melhor esquecermos isso, por enquanto!—aconselhou José Carlos.

—Para mim, que volto a Coimbra amanhã—disse Pedro —, isso é fácil. Preocupo-me por vocês.

—Chega!—bradou Cecília.—Já que não vamos chamar a polícia, o melhor é cuidarmos de nós.

Eles precisavam mesmo comer e descansar. Maria de Fátima e a cunhada foram para a cozinha preparar o almoço. Mafalda começou, pelo quarto de Vicente, a dar uma ordem na bagunça. As gavetas haviam sido esvaziadas: roupas e documentos estavam jogados no chão.

José Carlos e Pedro ajudaram a recompor a sala. Havia uma poltrona caída, almofadas por todos os cantos. Até debaixo do tapete tinham espiado.

E, no meio desse rebuliço, Jorge pegou a chave do porão.

—Será que estiveram lá?—perguntou ele para Janaína, como se ela pudesse responder.

Sem que ninguém notasse, os dois foram para trás da casa. A escada para o subsolo ficava na rua dos fundos. A porta eslava trancada.

—Pelo jeito, ninguém entrou aí—comentou a garota, enquanto esperava ele abrir.

Apenas uma clarabóia na parede iluminava o ambiente. Tudo estava na maior bagunça. Mas não se podia dizer que era recente. Muita poeira cobria caixotes de madeira, móveis antigos, garrafas empilhadas.

Encostada num canto, encontrava-se a estante de que o avô havia falado. Além de livros, rolos de papel amarrados com fitas, pastas cheias de manuscritos amarelados, continha uma caixa com penas de escrever, réguas e outros objetos de arquitetura.

—São de Mateus Vicente—explicou Jorge, pegando um pergaminho.—Ele morou nesta casa...

Enquanto o garoto falava, uma intuição nova invadiu Janaína. Ela sentiu que alguma podia ter estado ali, sim. E não tinha sido há muito tempo, não.

De onde vinha essa percepção, era difícil de saber. A garota entrava naquele lugar pela primeira vez. Nada em volta indicava alguma pista.

—Primeira prateleira, sétimo livro da esquerda para a direita —ela disse, lembrando-se do segredo de Vicente.—Vamos logo ver isso! Só pode ser um marcador de livros!

Jorge seguiu a indicação. Uma encadernação quase desmanchando ocupava o local. Ansioso, o garoto nem teve a idéia de ler o título do volume. Enquanto folheava, notou alguns desenhos: projetos de obras, com certeza.

Porém, não havia tira de couro nenhuma. Nem sinal da mensagem.

—Eu sabia!—exclamou o rapaz, com raiva.—Aliás, eu sempre soube que essa história era uma doideira!—ele deu um murro na estante.

—Maluquice ou não—argumentou Janaína—, alguém revirou a casa.

—Para não roubar nada!

—Como é que você tem certeza de que não roubaram nada? —insistiu a garota.

—Pois se tudo já foi examinado...

E, nesse momento, ele percebeu o que Janaína estava insinuando.

—Estás a dizer que essa mensagem existe e que alguém a roubou?—perguntou, meio cético.

—E por que não? Eu sinto a energia de uma pessoa aqui dentro. E é coisa recente.

—Impossível!—rebateu ele.—Nenhum bandido iria entrar, pegar algo, e depois devolver a chave no mesmo lugar. Não achas?

—Podem ter feito isso só para nos confundir!—refletiu a garota.

—Acreditas mesmo nisso?

—Acredito!

Jorge se recordou do que o avô havia falado: *A fé do negro guarda o ouro*. Mesmo assim, não se convenceu.

—O que acho estranho é outra coisa!—continuou a garota.

—O quê?—quis saber o rapaz.

—Se o vô disse que nunca contou para ninguém, como é que descobriram o lugar exato da mensagem?

10 MAIS DOIDO DO QUE EU IMAGINAVA

Cansados, sofridos com a morte de Vicente, ninguém na casa dos Amendoeira tinha condições de raciocinar. Pelo menos naquele dia.

No dia seguinte, Jorge acordou com uma idéia. Ele esperou que todos tomassem o café da manhã, que Pedro partisse e tudo se acalmasse, para falar com Janaína.

—Vamos ao Arquivo Histórico Municipal. Talvez encontremos alguma coisa que nos ajude a pensar.

A garota concordou logo. Era uma oportunidade a mais de fazer turismo. Maria de Fátima, não sabendo das intenções dos dois, também achou bom que eles passeassem.

—Vai distrair-te, minha filha! O clima entre os adultos está muito pesado. Não é justo que te aborreças com esses problemas.

Ao saírem, Janaína e o rapaz encontraram um garoto parado na porta do sobrado. Tinha um jeito de contínuo de empresa e já ia tocando a campainha.

—Pois não!—atendeu Jorge.

—É aqui que mora José Carlos de Amendoeira?—perguntou o menino.

—É meu pai, por quê?

—Tenho uma carta para ele. Mas é preciso que assinem o protocolo.

Jorge assinou sem prestar atenção. Apressado, abriu a porta de casa, largou a correspondência no console do vestíbulo e foi embora.

Não demorou muito para Cecília passar ali e notar aquele envelope, com o logotipo do Banco Imobiliário.

—O que será isso?—ela se perguntou.—Ai Jesus!—exclamou em seguida, chamando o marido.

Com direito a alguns dias de folga, por motivo de luto, José Carlos não tinha ido trabalhar. A mão dele tremia ao abrir a carta. As suspeitas de Cecília se confirmaram. Era uma intimação para tratar de assuntos relacionados à hipoteca da casa.

... Solicitamos o comparecimento de V. Sa., no prazo máximo de 48 horas, dizia o texto, redigido quase todo em tom ameaçador.

—Já devíamos esperar por isso, Cecília—falou José.

—Mas essa hipoteca ainda demora a vencer!—argumentou a mulher.—Se não estou enganada, ainda falta um ano!

—Acontece que, com a morte do pai, tudo muda—retrucou ele, disfarçando o nervosismo.

Embora não falassem alto, o som das vozes subia pelo vão da escada. No andar superior, Maria de Fátima ouviu a conversa e desceu.

—Provavelmente, o banco quer que tu avalizes a dívida do pai—opinou ela.

José Carlos ignorou o comentário. A irmã insistiu.

—Seria ótimo se conseguisses negociar um prazo maior. Assim, teríamos tempo de levantar o dinheiro. Sabes, estive pensando...

—Estiveste pensando em quê, ó raios!—explodiu o irmão, como se extravasasse de vez toda a tensão acumulada nos últimos dias.—Nunca te preocupaste com nada a não ser com a tua própria vida. Só deste desgosto a nossos pais...

Embora ofendida, Maria de Fátima compreendia o estado dele. Ao invés de discutir, procurou acalmá-lo.

—Eu quero ajudar. Será que tu não me entendestes? Trabalharei em dobro, se for preciso...

Mas a mágoa de José Carlos era grande demais. Difícil de conter.

—Guarda a tua generosidade para os negros—ele gritou e saiu, batendo a porta.

No beco, encontrou Manoel Louco sentado no banco. Foi falar com ele.

- Por acaso tu viste alguém entrando na minha casa, ontem, depois que o enterro saiu?

Manuel arregalou os olhos de modo insano. Ficou calado por uns instantes e depois respondeu:

—Mateus Vicente ainda não se desligou da terra. Ronda por aí, fazendo das suas, assustando as pessoas...

"Ele anda mais doido do que eu imaginava", pensou José Carlos. Desistindo de ouvir, largou o velho falando sozinho.

Enquanto isso, no sobrado, Cecília estava chocada com a agressividade do marido. Maria de Fátima permanecia ali, no pé da escada, segurando a vontade de chorar. Foi quando apareceu Mafalda, trazendo uma xícara de chá.

—Toma isto e não liguês para ele!—disse.

Bondade e ironia expressavam-se nos olhos da velha. A sobrinha não percebeu.

—Eu nunca vi o José assim—lamentou a esposa.—Tenha certeza de que ele ainda vai pedir-te desculpas. Vamos para a sala...

Era amável o jeito de Cecília falar. Parecia sincero. Com lágrimas nos olhos, Maria de Fátima contou para as duas o que havia planejado para ganhar dinheiro.

—A idéia é montar um ateliê de cerâmica cá em Portugal. Eu tenho experiência. O único problema é arranjarmos um forno. Mas deve existir alguém que alugue um. Podemos produzir objetos de arte e também peças utilitárias. Mas tudo muito requintado, para turistas ricos.

—Falas como se morasses aqui!—interferiu a cunhada.

—Não moro, mas posso passar uns tempos. Se ouvi bem, disseste que falta um ano para vencer a hipoteca...

—Mas e teu marido, tua filha?—perguntou a tia.

—Eu teria de conversar com eles. Janaína tem aulas no Brasil, não poderia ficar. Mas tenho a certeza de que compreenderiam, um ano passa depressa.

Mafalda permanecia cética. Cecília, porém, começava a ficar empolgada.

—Poderemos trabalhar em casa mesmo!

—É claro—confirmou Maria de Fátima.

E, assim, as mulheres continuaram traçando planos para o futuro.

Enquanto isso, Jorge e Janaína sonhavam com o passado, meio perdidos entre os fichários do Arquivo Municipal.

—Será que é melhor procurarmos por assunto? — perguntou o rapaz.

—Que assunto? Reconstrução de Lisboa, por exemplo? —indagou a garota.

—Deve ter muito material sobre isso. Passaríamos dias, meses, pesquisando.

—E pelo nome da família?—sugeriu Janaína.

—É melhor pedirmos ajuda—decidiu Jorge, procurando a bibliotecária.

Ele explicou o que queria.

—Procura pelo nome que tu vais achar—disse a moça, com tanta segurança que o rapaz até estranhou.

De fato, ele encontrou uma ficha com o nome: Amendoeira, Mateus Vicente de. Imediatamente, preencheu a requisição, ansioso por receber o material para consulta.

Era uma espécie de dossiê sobre a vida do famoso arquiteto. Não havia documentos sobre a tal recompensa em moedas de ouro. Mas, em algum daqueles papéis, o rapaz leu que Mateus Vicente tinha sido expulso da corte junto com o marquês de Pombal.

—Isso está confirmado, ao menos — comentou de. —Vamos embora, nada mais aqui nos pode ajudar.

E a visita ao arquivo só não foi inútil de todo por causa de um comentário da bibliotecária. Na hora em que os jovens iam saindo, ela disse:

—Curioso, nunca alguém se havia interessado por esta pasta. No entanto, desde ontem, já é a terceira vez que ela é requisitada.

—Terceira vez!?—exclamou Janaína.

—Desde ontem!?—emendou Jorge.

—E uma delas foi hoje cedo. Meia hora antes de vocês— completou a moça.

11 UM SÍMBOLO RELIGIOSO

Jorge e Janaina saíram do arquivo bastante intrigado. Ainda mais porque a bibliotecária não quis dizer nada sobre as pessoas que estiveram consultando a pasta de Mateus Vicente.

—É muito estranho!—desabafou o rapaz.—Precisamos descobrir o que está a acontecer.

—Não há dúvida de que existe mais alguém procurando o ouro. E está na nossa frente— comentou a garota.

Eles andavam pelo parque Eduardo VII. Entre árvores e jardins, tentavam clarear as idéias. Estava difícil. Não tinham pistas a seguir, nem de quem desconfiar. Desanimados, sentaram-se num banco.

Jorge cansou de pensar naquele assunto.

—Vamos esquecer isso, por enquanto—pediu ele, olhando firme nos olhos de Janaína.

E o olhar dele foi tão sedutor que a garota ficou sem graça. Fingiu não perceber. Continuava preocupada com o segredo de Vicente.

—Raciocine comigo—convocou ela, ignorando a sugestão do rapaz.—O vô disse que, na tira de couro, tinha também um símbolo gravado.

—Ele estava delirando. A verdade é que tudo não passa de uma lenda—argumentou o garoto, apoiando o braço no espaldar do banco, por detrás das costas de Janaína.

A garota sentiu um calor gostoso na nuca. Percebeu o corpo de Jorge bem próximo ao dela. Teve vontade de recostar a cabeça no ombro do rapaz e acariciar o peito dele, que aparecia entre o vão da camisa semi-aberta. Mas logo afastou a idéia, retomando a conversa interrompida.

—Deve ser um símbolo religioso que está no marcador de livros.

—Por que pensas assim?

—Por causa do que está escrito. Lembra? A fé do negro...

—... guarda o ouro—completou Jorge.

—Pois então—continuou Janaína, a palavra fé pode querer dizer religião. E o símbolo talvez seja a chave que estamos procurando.

—Mas como vamos descobrir? Roubaram a mensagem. Se é que ela existe mesmo.—desconfiou o rapaz.

—A gente devia procurar no porão outra vez. Olhar em tudo quanto é canto.

Depois de muita conversa, ele acabou concordando. E os dois voltaram para casa. No caminho, Janaína foi tomada por uma pressa que o garoto não pôde entender.

—Estou tendo um pressentimento. Ande mais rápido! —ela recomendou.

Chegaram em Alfama pelo lado de baixo. Já familiarizada com as ruas, a garota subiu correndo as escadinhas do bairro. Jorge vinha atrás, ofegante e assustado. Quando entraram no beco, viram Cecília se despedindo de um homem que saía do sobrado. Era o engenheiro de obras, que trabalhava na restauração da casa vizinha. Estava acompanhado de um rapaz, com uma máquina fotográfica, e de uma moça.

—O que queriam aquelas pessoas, mãe?—perguntou Jorge, com o peito arfando.

—Ai Jesus, que canseira é essa!?—exclamou Cecília, vendo os jovens naquele estado de ansiedade.

—Estávamos brincando de pega-pega—mentiu Janaína. —A senhora recebeu visitas?—acrescentou, de modo casual.

—Era o pessoal do Patrimônio Histórico—explicou Cecília.—Nosso sobrado está na lista das casas a serem restauradas —a expressão dela ficou triste.—Teríamos de contribuir com obras. Mas como, se não temos dinheiro nem para a hipoteca?

—O que disseram?—quis saber o filho.

A fisionomia da mãe se modificou. Com um jeito orgulhoso e ingênuo, ao mesmo tempo, ela respondeu:

—Vocês não imaginam! Eles sabem quem foi Mateus Vicejante e muitas coisas sobre a vida dele. Falaram que isso aumenta o valor histórico da construção. Quiseram fazer um levantamento de tudo. Fotografaram cada canto desta casa. Inclusive o porão, remexeram tudo por lá.

—Remexeram!?—exclamou Jantam, aflita.

—Por que esse espanto, minha filha?—perguntou Maria de Fátima, que vinha entrando na sala.

A garota se viu numa enrascada. Por sorte, pensou rápido.

—Por que não é certo entrar na casa dos outros e ficar mexendo assim, sem mais nem menos. Isso é uma invasão!

A madraستا sorriu.

—Cecília deu permissão para eles—esclareceu.

—Ah, bom!—disse a enteada, torcendo para Jorge falar alguma coisa que desviasse o assunto.

Mas o rapaz não prestava atenção. Parecia distante, perdido em pensamentos. Foi a própria Maria de Fátima quem mudou o rumo da conversa.

—O almoço está quase pronto. Não sumam, vocês dois —recomendou ela, voltando para a cozinha.

Cecília foi atrás. Sozinhos na sala, os jovens trocavam impressões sobre a visita da equipe de restauração.

—São eles!—opinou Janaína.—São eles que estão na pista do ouro. Aposto como estiveram pesquisando no Arquivo.

—Psiu, fala baixo!—aconselhou Jorge, começando a desconfiar que a "prima" tinha razão.—Lembra quando estávamos a conversar sobre o segredo do vai do lado de fora da casa? Esse engenheiro andava por perto. Deve ter escutado tudo.

—Então, não há dúvidas: foi ele quem revirou o sobrado e roubou o marcador de livros do porão—concluiu a garota.

—E agora voltou ao local do crimes—acrescentou o rapaz. —O que será que ele queria dessa vez?

—Talvez não tenha entendido nada da mensagem e resolveu procurar mais alguma informação—imaginou Janaína.

—Já sei o que temos de fazer—disse Jorge, de repente, começando a expor um plano.—Depois do jantar, eu invento uma desculpa para sair e vou até o sobrado vizinho, que está em obras. Se esse homem roubou alguma coisa, é provável que tenha escondido lá... Tu inventas uma maneira de ir até o porão para ver se descobres em que eles andaram mexendo.

—Tudo bem—concordou Janaína.—Vou tentar pegar a chave...

—Outra coisa—acrescentou o rapaz—, eu já disse e vou repetir: ninguém pode saber da nossa investigação. Eles não acreditam na lenda do ouro e vão atrapalhar tudo.

Nesse instante, ele teve de parar de falar, porque ouviu um barulho na porta. Era José Carlos chegando da rua. Vinha arrasado. Trazia péssimas notícias do Banco Imobiliário.

—Temos dois meses para pagar a hipoteca, senão perderemos o imóvel—anunciou, atirando-se no sofá, exausto.

As mulheres vieram depressa.

—Mas o prazo não era de um ano?—argumentou Cecília.

—Era. Mas, com a morte do pai, o contrato não tem mais valor. Eu tentei negociar. Eles estão irredutíveis. Existe uma pessoa interessada no sobrado e está disposta a quitar tudo, de imediato.

—Meu Senhor do Bonfim!—exclamou Maria de Fátima, como costumam fazer os baianos.

—O jeito é vocês pensarem em alugar um apartamento disse Mafalda.—Eu posso ir para Coimbra. Que remédio! Vou morar com Pedro.

Quase todos perderam a fome. A tarde passou naquela casa sem que ninguém tivesse vontade de conversar. Apenas os jovens, vez ou outra, trocavam algumas palavras sobre o plano, para de noite.

Quando deu a hora certa, Jorge saiu. Janaína queria pegar a chave do porão, mas não tinha como. José Carlos e Cecília estavam trancados no quarto deles. Nervosa, a garota assistia à televisão ao lado de Mafalda, enquanto Maria de Fátima tomava banho.

—Vai buscar um copo d'água para mim—ordenou a tia.

A garota estranhou, não o pedido, mas o jeito autoritário da velha. Mesmo assim, foi buscar a água. Ao voltar, viu Mafalda copiando um desenho numa toalha de mesa

—A senhora vai bordar?—perguntou.

—Não é uma belezinha?—comentou a tia.

—Mas isso é...—Janaína ia dizendo o que era aquela figura mas se conteve.

—Uma pêra e um garfinho de sobremesa—afirmou Mafalda.

—É, sei...

—O que tu sabes?—quis saber a velha.

—Nada!

Para Janaína, aquele era o símbolo do Exu: a cabaça e o tridente.

—Foi a senhora que fez esse desenho?—perguntou.

—Não—disse Mafalda.—Encontreis no quarto de Vicente.

12 TOME CUIDADO COMIGO!

Estava ficando cada vez mais tarde e Jorge não aparecia.

—Ah, esse menino!—reclamava Cecília.—Quando dá para ficar na rua com os amigos, nem se lembra de que tem casa.

Janaína estava mais nervosa do que a mãe do rapaz. Não tinha conseguido ir ao porão. Apesar de Cecília ter deixado o quarto, José Carlos havia ficado lá, dormindo. Maria de Fátima lia um livro, sentada na poltrona, e lá começava a bocejar.

Com os olhos grudados na televisão, a garota não na a hora que Jorge chegasse. E não era só por causa das notícias que ele poderia trazer. Ela também tinha novas informações. E havia ainda outra razão: estava começando a gostar dele. Sentia medo de que algo de ruim pudesse ter acontecido.

O tempo passava. O rapaz não chegava.

—Vamos para o quarto, minha filha!—chamou a madrastra.

Passava da meia-noite. Mafalda havia ido dormir. Cecília desistiu de esperar na sala.

—Vou subir, Janaína. Jorge de vez em quando faz dessas. Mas amanhã acerto as contas com ele. Ai, como esse menino me dá preocupação!

A garota se viu obrigada a subir. Não ficava bem continuar sozinha, aguardando pelo "primo". Foi para o quarto, com a intenção de permanecer acordada. Não conseguiu. O sono veio pesado, trazendo um sonho esquisito.

Ela se encontrava no candomblé da mãe Naninha. Logo à porta, a estátua de Exu zelava pelo terreiro, rodeada de velas pretas e pratos de comida. O orixá estava nu. Ostentava um falo enorme, ereto, e uma lâmina de faca no alto da cabeça. Com o tridente na mão direita e a cabaça na esquerda, parecia controlar o movimento de entrada e saída do recinto.

Janaína ia passar direto, mas sentiu um puxão pelas costas. Foi como se o próprio Exu a tivesse impedido de entrar. De repente, a estátua adquiriu vida e falou:

—Eu sou o guardião dos templos! E também o mensageiro. Portanto, se você quer decifrar uma mensagem, é a mim que deve agradar...

A nudez despudorada do orixá constrangia a garota. Ainda assim, ela não desviava o olhar. Desejo e culpa se misturavam no corpo e na mente de Janaína.

—E o que é que você quer?—perguntou, com medo, imaginando algo terrível.

—Procure-me em Lisboa e a primeira porta estará aberta. Outros virão depois para ajudá-la. Mas tem uma coisa: tome cuidado comigo! Eu posso querer te derrubar—completou Exu, sumindo em seguida, numa explosão de pólvora.

Janaína acordou suada. Um gosto amargo na boca. A garganta ressequida. Levantou para tomar água. Quando descia a escada, ouviu barulho na cozinha.

—Jorge! —chamou.

Ela só não perguntou se ele havia chegado naquele momento porque o rapaz estava de pijama.

—Estou sem sono—disse Jorge, completamente transtornado com a camisola branca de Janaína.

—Eu tive um pesadelo... Mas e daí, descobriu alguma coisa? —ela perguntou.

—Que esse engenheiro está a pesquisar a vida de Mateus Vicente, lá isso está!—respondeu ele, olhando para o colo da garota.—Aí na obra, tem vários livros que falam do nosso antepassado. Mas a tira de couro eu não encontrei. Deve estar escondida em outro lugar. Talvez na casa dele. Amanhã pretendo segui-lo, para ver onde ele mora.

—Acho que não vai ser preciso—retrucou Janaína.—Já sei qual é a pista que devemos seguir.

Ela comentou com Jorge o desenho que Mafalda bordava. Contou o sonho que acabava de ter. Só não falou que o orixá aparecia despido.

O garoto escutava impressionado. Mas não compreendia muito bem.

—O que devemos fazer, afinal?

—Me dá um tempo para pensar—pediu ela.—Tenho certeza de que vou conseguir interpretar esse sonho.

—E você acredita em sonho?—perguntou Jorge, cada vez mais seduzido pelo corpo, pelo cheiro dela.

A garota percebeu e se calou, um pouco nervosa. Olhava para o rapaz, com um desejo enorme de afagar os cabelos despenteados dele. O silêncio só fez aumentar o clima de sensualidade entre os dois.

Jorge nunca tinha estado perto de uma garota em trajes tão mínimos. Os seios de Janaína modelavam o tecido. Ele não resistiu. Tentou beijar a "prima", de maneira impetuosa.

Ela o rejeitou. Por mais que quisesse, jamais seria daquele jeito: sem carinho, sem poesia.

—Provocas-me e agora foges!—disse ele, desatrelando a garota. Esqueceu-se até de que era preciso falar baixo.



*Jorge tentou beijar a "prima" de maneira impetuosa.
— Provocas-me e agora foges! — disse ele, desafiando a garota.*

—Eu lhe provoco?—ela se espantou.

—E não?—persistiu o rapaz.—Essas roupas que tu usas. O modo como te sentas... Isso lá são modos de uma rapariga comportar-se na frente de um homem? Pensas que eu não sei...

—Ora, cale essa boca!—gritou ela, irritada, desiludida. —Você não sabe nada, nada!

Ele ficou vermelho de raiva. Por pouco não a xingou. Os dois se encaravam, tensos.

—Podia ser tão diferente!—ela lamentou, seguindo em direção a saída da cozinha.

Jorge tentou impedir que ela saísse. Correu e ficou na frente da porta, de braços abertos. Mesmo assim, ela se decidiu a passar. Tremendo, empurrou o rapaz. Mas ele a segurou pela cintura. Janaína se debateu e gritou:

—Me larga, senão...

Nesse momento, eles ouviram um barulho de porta no andar superior. E, logo depois, a voz de José Carlos, perguntando:

—O que está a se passar aí embaixo?

13 ONDE EM O MERCADO DO REI?

Se pudesse, Janaína teria evaporado naquele momento. Ficou calada, assustada, imaginando o que o "tio" pensaria dela. Jorge também teve um sobressalto.

—Não é nada, não! Estamos a conversar—ele respondeu

- Sobe imediatamente!—ordenou José Carlos.—Ou vou buscar-te.

O rapaz obedeceu no ato. Nem olhou mais para a garota Subiu.

Pé ante pé, Janaína foi para a sala a tempo de ouvir o que os dois falavam no piso superior.

—O que estavas a fazer?—recriminou o pai.—Não te enxergas?

Jorge não disse nada. Ouviu a bronca de cabeça baixa. José Carlos abafou a voz para não acordar os outros. Mas parecia enfurecer-se cada vez mais.

—Não queiras seguir o exemplo da tua tia! Se isto acontecer, esqueço que és meu filho!

—Espera aí—protestou Jorge.

Bastou essa reação do filho para que o pai se desse por satisfeito. Nem deixou ele terminar de falar. Mudou o tom da voz:

—Eu entendo, na tua idade...—disse, agora de modo amigável.—Mas não precisas misturar-te com essa raça. Eu posso arranjar-te...

Janaína não quis ouvir mais nada. Voltou chorando para a cozinha.

"Os homens do Brasil já não são mais assim tão machistas", pensou.

Sentiu no peito uma saudade doída da Bahia. Uma vontade te encostar a cabeça no ombro de Raimundo.

"O meu pai, sim, é delicado. Jamais olharia para uma mulher dessa forma, feito um objeto."

A garota reconhecia isso pela primeira vez. Lembrou-se também da tia Conceição.

"... Se fosse ela a minha madrastra, eu não estaria passando por isso."

Mas quando voltou para o quarto e viu Maria de Fátima dormindo, teve remorsos.

"Estou sendo injusta", refletiu. "Ela não tem nada a ver com o irmão. É uma mulher boa e faz o meu pai feliz."

Repetindo a si mesma que só estava ali por causa da "mãe", Janaína deitou-se e tentou dormir.

Na manhã seguinte, a garota acordou tarde. Deu graças a Deus por não encontrar José Carlos nem Jorge na hora do café. Ela não teria coragem de olhar na cara deles. O pai havia saído para o trabalho, e o filho, para entregar mais uma das encomendas de Mafalda.

Apenas as mulheres permaneciam em casa. A velha continuava o bordado: a pêra e o garfo de sobremesa, segundo ela; o tridente e a cabaça, símbolos do Exu, para Janaína. Cecília e Maria de Fátima não tiravam da cabeça a dívida da hipoteca. Falavam desse assunto o tempo todo.

"Se eu encontrasse o ouro, o problema estaria resolvido", pensou a garota, ouvindo as duas.

De repente, voltou à memória dela o sussurro que tinha escutado no velório de Vicente.

"Só você pode ajudar essa família. Só você!"

Conversando com essa voz misteriosa, Janaína refletiu:

"Por que eu faria isso se, tirando Cecília, todo mundo aqui me despreza? Até mesmo Jorge."

Se era de um motivo que Janaína precisava para começar a agir, ela logo encontrou um.

—Com só dois meses de prazo—comentava a madrastra com a cunhada—, aquele nosso plano para juntar dinheiro foi por água abaixo.

—Pois é—confirmou Cecília—, acabaram-se as nossas esperanças.

—Também não é assim. Quem sabe podemos levantar um empréstimo? De minha parte, estou disposta a tentar—afirmou Maria de Fátima e, virando-se para a enteada, perguntou:—Tu voltarias para o Brasil sozinha, enquanto eu fico aqui, ajudando a resolver este problema?

A garota não esperava por uma pergunta dessas. Meio gaguejando, respondeu:

—Vol... voltaria!

Ela concordou, por fora. É claro que se importava, e muito, de ir embora sem a "mãe". Por dentro, prometeu a si mesma que haveria de encontrar a herança perdida, custasse o que custasse.

Foi então que Janaína se recolheu num canto e passou horas pensativa. Tentava se lembrar das histórias que Conceição e mãe Naninha contavam sobre Exu.

"Ele já foi comparado ao diabo e há quem pense que só faz maldade. Mas não é bem assim...", a imagem da tia falando vinha mente de Janaína.

"... Ele é inocente, faz o que as pessoas pedem sem julgá. É o mensageiro entre os homens e os deuses, mia fia. Em qualquer trabalho, ele é o primeiro ", agora era a voz da ialorixá que ela ouvia.

Mas tudo parecia não servir de nada para a garota tirar alguma conclusão. Ela já estava ficando desanimada quando se lembrou:

"É o Exu que supervisiona as atividades do mercado do rei em cada cidade".

E também do sonho, a estátua falando:

"Procure-me em Lisboa".

"Preciso interpretar o quê e onde seria o mercado de D. José I. Era ele o rei na época de Mateus Vicente."

O resto da manhã, Janaína passou remexendo na estante de livros dos Amendoeira, na sala. Abriu compêndios de história de Portugal, revistas ilustradas e até guias turísticos. Teve vontade de ir ao porão. Mas, por enquanto, dava-se por satisfeita com o material de que dispunha.

Um pouco antes do meio-dia, uma desconfiança já despontava na cabeça dela. A garota não contou nada para ninguém. Nem mesmo para Jorge.

Os dois se cruzaram na hora do almoço. Mal conseguiram se encarar. Ele comeu o tempo inteiro calado, o olhar sempre voltado para o prato.

—O que foi, meu filho?—preocupou-se Cecília.—Estás triste?

—Não é nada!—falou o rapaz.

—Nada? Sei... Por onde você andou ontem à noite?

—Por cá, com uns colegas!

Jorge parecia envergonhado. A mãe não insistiu.

Embora atenta, Janaína fingia não ouvir. Conversava com Maria de Fátima, que estava curiosa com as pesquisas da enteada.

—Estive lendo sobre uns programas turísticos—inventou a garota —Você quer ir comigo à Torre de Belém?

—Boa idéia, minha filha! Ainda não saímos juntas, desde que chegamos. Quem sabe esse passeio me ajude a pensar melhor?

E lá foram as duas de ônibus para o bairro de Belém. Um pouco antes da torre, no sentido de quem vai do centro da cidade, ficava o Mosteiro dos Jerônimos. Maria de Fátima sugeriu que entrassem ali, primeiro. Para a angústia de Janaína, a missa ia começar e a madrastra resolveu assistir.

A ansiedade da garota não aguentaria tanto tempo. Precisava checar o quanto antes o que dizia a sua intuição. Pediu licença a Maria de Fátima e foi sozinha ver a torre.

Era um monumento imenso, construído no século XVI para comemorar a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Uma Espécie de forte, vigiando a foz do Tejo.

"Se desta praia partiam os navios", raciocinava Janaína, "nesta praia deviam aportar na volta. Era neste lugar que desembarcavam as mercadorias que vinham das colônias de Portugal. Portanto, era aqui o mercado do rei!"

Sem saber exatamente o que procurava, ela atravessou uma ponte de madeira e entrou na torre, que também se chamava de São Vicente. Mais uma coincidência a mexer com a sua imaginação.

A garota passeou pelas varandas, pelo balcão, investigou cada pedra das ameias, e nada: nenhuma pista, nenhum sinal.

Desanimada, saiu e sentou-se no gramado do jardim à margem do Tejo. A mente parou de pensar. Ligava-se apenas no movimento das águas. A maré vazante fazia o nível do rio baixar. Desceu tanto, que deixou à mostra o rochedo sob a torre.

Foi num momento de distração. Janaína bateu o olho e viu, gravado no alicerce, o desenho gasto, quase desaparecendo, de um cajado.

14 VIOLÊNCIA NÃO ESTÁ COM NADA

"Cajado... símbolo de Oxalá!", refletiu Janaína, ainda sentada em frente à Torre de Belém.

De repente, ela se lembrou do sonho que havia tido com o Exu, quando ele dizia:

"Procure-me em Lisboa e a primeira porta estará aberta. Outros virão depois para ajudá-la"

"No lugar do mensageiro aparece um sinal do Grande Orixá!", Janaína continuou a raciocinar. "Acho que estou começando a entender!..."

Eufórica com as próprias deduções, a garota puxava pela memória. Era importante recordar tudo o que bis sobre Oxalá.

Na mitologia do santo poderia haver novas indicações sobre o esconderijo do ouro.

Assim ela imaginava. Distraída, não escutou o barulho de passos vindo por trás.

Um par de mãos cobriu os olhos de Janaína.

"Minha mãe!", foi o que ela quase disse.

Mas logo percebeu que o calor da pele, a grossura dos dedos e a energia daquela presença nada tinham a ver com Maria de Fátima.

—Jorge!—exclamou.

—Estás aborrecida comigo?—perguntou ele, de pé, olhando para ela.

No rosto dele havia uma expressão de arrependimento. Se Janaína observasse, poderia descobrir se era verdadeira ou falsa. Mas ela desviou o olhar. Levantou-se do gramado e ficou de costas para ele.

—Vai ficar me perseguindo, é?—retrucou.

A voz saiu trêmula, como a de quem estava prestes a chorar. Porém, mais forte do que as lágrimas era a ofensa. Maior do que a magoa era o orgulho. Foi num tom altivo que Janaína continuou, dizendo para Jorge tudo o que achava que ele deveria ouvir.

—... Você está por fora, cara! Tua cabeça é pré-histórica. Imagine, pensar que uma garota é fácil só porque ela se veste à vontade!? Onde já se viu? Eu sei, foi o seu pai quem lhe ensinou isso, não foi? Que mentalidade atrasada, meu Deus!... E tem mais, violência não está com nada. Grosseria não conquista ninguém.

O garoto jamais havia namorado, nem tido experiência com garota alguma. De todo aquele discurso, apenas entendeu que Janaína não sentia atração por ele. Ficou ainda mais triste, frustrado. Tirou da imaginação a fantasia do homem irresistível e assumiu o papel do amante rejeitado.

Conseguindo passar por cima da vergonha, encarou a "prima" e disse cheio de dignidade:

—Desculpa. Vamos esquecer tudo isso. Temos de ficar unidos para descobrir o tesouro do nosso avô.

Janaína se surpreendeu. Não esperava argumento tão sensato, comportamento tão adulto. Só podia concordar.

—Você tem razão. Eu queria mesmo lhe contar...

O clima pesado entre os dois se desfez. Jorge voltou a sorrir com naturalidade. A garota mostrou para ele o sinal gravado na pedra, Raciocinando juntos, tentaram chegar a alguma conclusão.

—Será que o ouro está aí, no meio do rochedo?—especulou o rapaz, começando a levar a sério as suspeitas da garota.

—Não acredito—afirmou Janaína, retomando as reflexões. —Tenho a impressão de que existe uma sequência de sinais. Repare: procurando o Exu, encontrei o símbolo de Oxalá. Se eu estiver certa, em algum lugar que pertença a Oxalá, acharemos mais uma pista.

—O que queres dizer com isto?

—A função de Oxalá é moldar no barro o corpo dos seres humanos. Passando essa idéia para o mundo dos homens, o orixá poderia ser representado por um...

—Escultor—adivinhou Jorge.

—E a próxima marca pode estar numa estátua—concluiu Janaína.

—Talvez tenhas razão, mas o que não falta em Portugal é estátua—argumentou ele.—Será impossível investigar uma por uma.

—Eu sei. Acontece que Oxalá é o mais importante de todos os orixás. Portanto, nosso desafio vai ser descobrir qual era o escultor considerado o mais importante até a época de Mateus Vicente.

Jorge colocou o pensamento para funcionar. Puxou pelos conhecimentos que tinha de História. Janaína, ao lado, torcia para que alguma luz acendesse na cabeça dele. Esforço em vão. Maria de Fátima já vinha chegando e o garoto não se lembrava de nada.

—Também vieste, Jorge!—comentou a tia.

—Pois é!—ele respondeu.—Escutei quando vocês estavam a combinar de vir cá. Resolvi fazer uma surpresa.

—Fizeste bem! Podíamos então tomar um sorvete! O que acham?—sugeriu ela.

—Boa idéia!—concordou a enteada.

Os três atravessaram o jardim em direção à Calçada da Ajuda. No caminho, Janaína imaginou que a madrastra talvez pudesse informar aquilo que eles precisavam saber. E assim, como se fosse uma mera curiosidade, perguntou:

—Quem foi o maior escultor português? Maria de Fátima não soube responder com certeza. De qualquer maneira, arriscou um nome.

—Não sei, existem muitos. Mas um, que ficou conhecido no século XVIII, foi Machado de Castro. Tem até um museu dele em Coimbra.

Janaína e Jorge se entreolharam. Os dois vislumbrando a necessidade de viajar para aquela cidade. Porém, não tocaram mais no assunto. Depois do sorvete, continuaram passeando com Maria de Fátima, até a hora em que ela resolveu ir embora.

Na volta, o ônibus que tomaram passou pela praça do Comércio. Jorge e Janaína olhavam pela janela. Ao observar a estátua de D. José I, ele teve um sobressalto. Ela teve outro, mas foi por causa de uma pessoa que andava na calçada.

—Olhem, aquele não é Pedro, filho da tia Mafalda?

15 A HISTORIA SE REPETE

A madrastra e o sobrinho não puderam ver a tempo. Num instante, o homem havia desaparecido.

—Pedro está em Coimbra—afirmou Maria de Fátima.

—Devia ser alguém parecido—suspeitou Jorge.

—Acho que eu me enganei—Janaína se deu por convencida.

O assunto logo acabou. Mas havia outro que o rapaz queria discutir a sós com a "prima". Foi impossível. Eles já iam chegando e o ambiente na casa dos Amendoeira não era dos melhores.

José Carlos, sentado na sala, folheava um jornal, consultando os anúncios classificados. Com uma expressão de censura ele olhou bravo para o filho. Cecília tinha no rosto marcas de quem havia chorado. Só Mafalda permanecia impassível, bordando. Bastou um comentário da velha para a garota entender o motivo do clima pesado.

—E, meu sobrinho, a história sempre se repete. Não adianta lutar contra isso!

Jorge também compreendeu. Maria de Fátima, não. Ao perceber a curiosidade da cunhada, Cecília tentou desanuviar a tendo.

—O jantar está servido—anunciou.—Venham, senão esfria!

Ela evitou o pior. Porém, os agimos continuaram péssimos. Durante a refeição, o problema da hipoteca veio à tona. Foi Mafalda quem começou:

—Achaste algum apartamento para alugar?—perguntou a José Carlos.

Antes que ele respondesse, Maria de Fátima interrompeu:

—Então é por isso esse nervosismo todo?! Eu tenho uma proposta. Vamos esquecer essa questão até a missa de sétimo dia do pai. Depois, tentarei alguma coisa. Este sobrado é histórico. Quem sabe fazemos uma campanha, procuramos a Imprensa, a prefeitura, outro banco?... Não podemos perder assim, facilmente, sem lutar...

—Concordo!—disse Cecília.—Tens razão. Em sinal de respeito, é melhor deixarmos passar a missa de Vicente.

A discussão foi longe. José Carlos menosprezando a capacidade de Maria de Fátima. Mafalda ironizando o otimismo dela. Jorge terminou logo de comer. Aproveitando a exaltação dos adultos, saiu da mesa. Janaína também se levantou.

Sem a presença dos dois, o tom das vozes na cozinha se alterou. O que Cecília temia aconteceu. José Carlos explodiu de raiva. Referiu-se a Janaína de modo ofensivo.

—Não penses que essa daí, que tu chamas de filha, vai desviar o caminho do meu filho.

—O que é isso?—Maria de Fátima se espantou. Só então ela ficou sabendo o que havia se passado de madrugada, entre a enteada e o sobrinho. Engoliu em seco, sem argumento para rebater.

Saindo da boca do irmão, a história estava totalmente distorcida. No entender dele, a garota tinha agarrado o rapaz. A madrastra não podia acreditar.

Alheios a briga, Janaína e Jorge já estavam na ruas sentados na soleira do sobrado. Combinavam as buscas do dia seguinte.

—Acho que matei a charada!—disse o rapaz.

—A da próxima marca?—perguntou ela, esperançosa. —Sim. Se o escultor mais importante era Machado de Castro, como a tia Maria disse, a principal estátua dele em Lisboa a de D. José I, montado no cavalo. E fica na praça do Comércio. Nesse caso, não precisamos ir para Coimbra.

Eles ainda tinham alguns detalhes a acertar. O garoto ia falando quando a porta abriu de repente. Era Mafalda, trazendo o lixo para fora.

—Linda noite, pois não?—ela comentou.

As luzes fracas da Alfama faziam o céu parecer mais escuro. Havia muitas estrelas. O vento morno que vinha do rio soprava um carinho gostoso no rosto dos jovens. Se a

garota pudesse enxergar, teria visto o olhar manso de Jorge. Bem diferente dos olhos ansiosos da noite anterior.

Mafalda voltou para dentro. Janaína retomou o diálogo.

—Ainda bem que não temos de viajar. Eu estava achando muito difícil.

—Tomara que eu esteja certo!—desejou o rapaz.

—Isso nós vamos saber amanhã—acrescentou a garota.

Mas antes que o amanhã chegasse, Janaína e Maria de Fátima teriam uma longa conversa, no quarto.

—Sobre ti e Jorge, quero saber de tudo!—disse a madrastra, de um modo enérgico.

—Não foi nada, minha mãe! Ele se descontrolou, só isso. Não está acostumado com o nosso jeito lá do Brasil. Pensou que era só chegar e ganhar. Mas ele já compreendeu que estava errado.

Maria de Fátima começava a distinguir a verdade dos fatos. Abraçou Janaína e a beijou na testa.

—Não me digas que te apaixonaste por Jorge?

Janaína se surpreendeu com a pergunta. Ainda não tinha considerado essa hipótese. Ficou calada, sem saber a resposta. A madrastra continuou:

—Não quero que sofras, minha filha! Já estou arrependida de ter-te trazido.

—Ora, deixe disso! Jorge e eu somos amigos—argumentou a garota.

—José Carlos não iria perdoar-me, nem a ti nem ao próprio filho.

Maria de Fátima estava quase chorando. Janaína procurou acalmá-la.

—Relaxe! Quem foi que disse que vai acontecer alguma coisa?

—Tenho medo de que a história repita-se, como a tia Mafalda mencionou. Eu sei o que é levar uma vida cheia de ressentimentos, separada da família. Já chega de tanta infelicidade! Promete-me que não vai ter nada com ele, prometes-me?—ela suplicava.

A garota quis prometer. Não teve coragem. Toda aquela cena parecia despertar uma emoção nova dentro dela.

Notando a hesitação da enteada, Maria de Fátima se recompôs. Enxugou as lágrimas e falou:

—Desculpa-me! Emocionei-me demais. Vamos dormir, que já é tarde.

Janaína até agradeceu, anteriormente. Estava mesmo cansada. Foi deitar-se, confusa com os seus sentimentos. Pensava também na estátua de D. José.

E quando o dia amanheceu, ela pulou rápido da cama, Maria de Fátima já havia se levantado e o quarto continuava na penumbra. Janaína correu para abrir a janela.

O movimento no beco era o mesmo de sempre: cães vadios gatos ociosos. A negra varrendo a porta da casa. Manuel Louco tomando conta do largo.

Mas a garota tomou um susto. Viu o homem misterioso do dia do enterro do "avô". Aquele gordo, que vistoriava todo o sobrado e que ninguém sabia quem era. Ele estava conversando com o engenheiro da obra vizinha.

16 A VARA MÁGICA DE OGUM

Um pouco antes de Janaína acordar, naquela manhã, uma nova discussão havia ocorrido na família Amendoeira. Dessa vez, Maria de Fátima estava ausente. Tinha ido cedo a igreja.

Enquanto tomava o café, José Carlos fez sérias recomendações para que Jorge não saísse mais com Janaína.

—Mas, pai!—protestou o rapaz.—Isso não tem sentido!

—Quem sabe o que faz sentido aqui sou eu.

Cecília procurava não se envolver. Com o coração dividido, também temia que o filho se apaixonasse. Mais por causa dos problemas que ele enfrentaria do que por preconceito racial.

Mafalda, no entanto, concordava com o pai do garoto. Parecia empenhada em afastar os jovens.

—Desde que essa menina chegou que não fazes mais nada a não ser ficares com ela pra baixo e pra cima. Eu e a tua mãe temos muito serviço para ti.

—Isso mesmo, tia! Arranja mais trabalho para ele—aproveitou José Carlos.

A velha mandou Jorge à casa de uma freguesa, na periferia da cidade. Era para dar um recado à toa. Assunto que poderia ser tratado por telefone.

Desse modo, quando Janaína desceu, o rapaz já saía. Ainda tiveram tempo de se olhar. Ela na escada, ele na porta da rua. Uma piscada, um gesto de mão, um cochicho, e o encontro estava marcado, às escondidas.

A pressa tomou conta dos movimentos de Janaína. Vendo tanta afobação, Mafalda desconfiou de alguma trama. De propósito, tentou atrasá-la.

—Vais passear, minha filha?

—Vou andar por aí—respondeu a garota, fingindo não ter nada em mente.

—Por que tu não vais ao Castelo de São Jorge? É pertinho. Dá para ir a pé. Tem uma linda vista de Lisboa. Sabias que... —a tia começou a contar uma longa história.

Por mais interessante que fosse, Janaína não tinha condições de ouvir. Na primeira oportunidade, deu um jeito de se livrar.

—Puxa, que incrível! Então, tá... Tchau!

—Lá vai a princesa africana. Por que será que está tão nervosa?—falou Manuel Louco, quando viu Janaína passar pelo beco.

"Praça do Comércio", só nisso ela pensava. "Qual o caminho mais rápido?... Não sei que ônibus tomar... Subir ou descer Alfama?"

Tanto fazia. O bairro tinha saída por cima e por baixo.

Ela desceu. Foi andando, quase correndo, como se alguém a perseguisse. Era a sensação presente em cada esquina, em cada semáforo.

Jorge esperava por ela na escada do monumento: D. José I sobre o cavalo, no alto; anjos e fadas ladrando a base. Todo o conjunto cercado por grades.

—Já olhei tudo, não achei marca nenhuma—informou ele

—A estátua fica muito no alto. Não dá para ver dessa distância.—argumentou Janaína.

Ela não teve dúvidas. Pôs um pé no gradil e virando-se para rapaz, disse:

—Fique de olho nos guardas!

Num instante, estava trepada no pedestal. O vento levantando a saia dela. Jorge, aflito, hesitante, não sabia se vigiava ao redor ou espiava as pernas da garota.

Um apito soou, o policial se aproximava. Tarde demais. Janaína vinha de volta. Agarrou a mão do "primo" e os dois dispararam na carreira. Os pedestres abrindo passagem para eles, pelas ruas da Baixa.



Só pararam no largo do Rossio, exaustos. Quase sem fôlego, ela falou:

—Eu vi, na pata do cavalo... ufa!... bem pequeno, o número sete.

—E o que significa?—perguntou Q garoto.

—Não sei!

—Bolas!—ele se aborreceu.—Então, nós quase fomos presos por nada!?

—Calma!—ponderou Janaína.—Eu preciso pensar.

Eles andavam em silêncio. A garota procurando recordar as lendas dos orixás. Sem pressa, atravessaram a praça dos Restauradores e pegaram a avenida Liberdade. Pistas largas com canteiros ajardinados. Bares à sombra das árvores, nas calçadas.

—Vamos tomar um refrigerante—sugeriu Jorge.

Ele percebia o esforço de Janaína. Ficou com pena.

—Deixa pra lá...

Um casal de turistas se beijava na mesa ao lado.

—Olha aqueles dois, como se gostam!—continuou o rapaz.

—É isso!

A garota deu um pulo na cadeira. Por pouco, não derrubou o copo cheio. Havia se lembrado de uma história de amor entre Ogum, deus dos ferreiros, e Iansã, deusa dos ventos e das tempestades. Começou a contar:

—... Iansã ajudava no trabalho dele, manejando o fole para ativar o fogo da forja. Para demonstrar sua gratidão, Ogum deu um presente para ela: uma vara de ferro, igual a uma que ele possuía, com o dom de dividir os homens em sete partes e as mulheres em nove. Um dia, Iansã se apaixonou por Xangô e fugiu. Desesperado, Ogum saiu atrás dela. Os dois lutaram muito, empunhando suas varas mágicas. Até que, no mesmo instante, a vara de um tocou o corpo do outro. Ogum ficou dividido em sete partes e Iansã em nove.

—Queres dizer que é o símbolo de Ogum que está na pata do cavalo?—o garoto quis confirmar se havia entendido.

—Só pode ser. Ele é a nossa próxima pista.

—Essa pista e nada, para mim, são a mesma coisa.

—Não são, não!—o pensamento de Janaína já ia longe. —O lugar consagrado a Ogum é na entrada dos palácios dos reis. Agora é com você. Onde era o palácio do rei na metade do século XVIII?

—O Palácio das Necessidades. Fica perto do cemitério onde o nosso vô foi enterrado— respondeu o rapaz, de imediato.

—Então vamos!—propôs a garota.

Mas ele estava preocupado com o que tinha por fazer.

—É melhor deixarmos para depois. A hora do almoço logo chega e eu não fui dar o recado da tia Mafalda. De tarde, marcamos outro encontro e vamos até lá.

Janaína concordou. Jorge foi embora. Ela, então, percebeu que não havia contado para ele o que tinha visto pela janela do quarto: o engenheiro de obras e o gordo misterioso conversando.

Ainda no bar, a garota decidiu procurar Ogum, sozinha. Perguntando aqui e ali, aprendeu o caminho.

—Pega o elétrico, naquela parada—informou uma senhora, na rua.

Voltou a sensação de estar sendo seguida. Dentro do bonde, Janaína suspeitava de todos os passageiros: homens, mulheres, velhos e crianças.

"Loucura da minha cabeça", refletiu, querendo afastar o medo.

Achou melhor prestar atenção no trajeto, para não passar do ponto de descer. Ao mesmo tempo, fantasiava na mente a morada real da monarquia portuguesa.

O Palácio das Necessidades era amplo, bonito. Uma construção com dois andares, de paredes cor de terra e janelas brancas. Mas não tinha nada de imponente, como a garota havia imaginado. Lindos, eram os jardins que o rodeavam.

O verde das plantas afugentou o temor de minutos atrás, Janaína respirou o ar fresco que circulava no largo. Sentou-se na amurada da fontes em frente ao prédio, ouvindo o barulho da água a jorrar. Executivos entravam e saíam apressados do palácio. Uma pequena escada conduzia a porta principal.

A garota se aproximou. O olhar vasculhando cada detalhe da arquitetura. Estava no chão, entalhado no degrau de pedra, no canto direito junto ao pilar, o número nove.

Ela se abaixou, sentindo a presença de alguém agachando-se ao seu lado.

—Eu sei o que tu andas a procurar—disse um homem, alto, magro, de bigode, com um ar ameaçador.

Janaína quis correr. A mão dele segurou o braço dela, com força.

—Tu amas a tua mãezinha, não é?—continuou o esranho.—Não gostaria que nada de ruim acontecesse com ela, estou certo?... Então, vais ter de descobrir esse ouro, mas é para mim!

—Socorro!—ela gritou, apavorada.

Com receio de um escândalo em público, o homem soltou a garota. Janaína escapou.

—Podes fugir! Voltaremos a nos encontrar.—disse ele, rindo.

17 ELA NÃO PODE TER FILHOS

Tremendo de susto, Janaína chegou em Alfama.

—Eis que retorna a bela princesa. Boa coisa ela não viu! —era o Manuel Louco, no banco do beco, como sempre.

A garota entrou em casa. Trancou a porta com a chave e mais todos os trincos. Maria de Fátima assistiu a cena.

—O que é isso, filha? Estás com medo de quê?

—Minha mãe!—ela exclamou, abraçando a madrastra.

—Nossa, tu estás gelada, com este calor! Fala o que aconteceu, menina, estou ficando aflita.

Janaína quase revelou o segredo de Vicente, as pistas que estava descobrindo, a ameaça que acabava de sofrer. Mas lembrou-se do pedido de Jorge. Compreendeu que, se contasse, Maria de Fátima iria tentar protegê-la, impedindo as buscas.

Ela não podia descontrolar-se. Uma desculpa, era disso que precisava.

—Ah, é o louco aí da rua. Ele fica mexendo comigo.

Maria de Fátima sorriu, aliviada.

—Que bobagem, o Manuel é inofensivo! Mas se estás com medo, vou falar com ele.

—Não!

A madrastra ficou sem entender.

—Se você fizer isso, pode ser pior—continuou a enteada.

—Então, faz o seguinte: quando ele disser alguma coisa, finge que não ouviste—aconselhou Maria de Fátima.

—Tá certo!—concordou Janaína, envergonhada da mentira e por ter fraquejado.

Tal atitude tinha uma explicação: da busca do ouro até agora a garota havia enxergado apenas o lado emocionante. Não contava com perigos. Tinha se esquecido da advertência do Exu.

"Tome cuidado comigo! Eu posso querer te derrubar."

O sonho com o orixá mensageiro voltou à memória dela. Janaína sentiu um desejo enorme de ver o "primo". E não era só para falar dos perigos que estavam correndo. Era do Jorge ingênuo que ela se lembrava. Daquele rapaz sem jeito, que ainda não sabia namorar.

Para perguntar por ele, faltou coragem. Cecília já chamava para o almoço e nada de o rapaz chegar.

Quando chegou, ficou muito pouco em casa: só o tempo de comer. Lá veio Mafalda, inventando outro serviço para o garoto. A tarde e a noite passaram sem que os jovens pudessem conversar sozinhos. O dia seguinte não foi diferente. Mafalda continuava na espreita. Manteve Jorge ocupado, afastado do sobrado. Com Janaína, a velha fingia lamentar a ausência do rapaz.

—Passear sozinha não tem graça, pois não? Mas tem uma praia perto de Lisboa. Chama-se Costa de Caparica. Tu pegas o autocarro...—a tia incentivava a garota a sair.

Vendo a enteada tristonha, Maria de Fátima se ofereceu para ir junto.

—Obrigada, minha mãe! Não estou com vontade—respondeu Janaína.

O que ela estava era com medo. E o pior: não havia conseguido interpretar a próxima pista. O número nove, na porta do palácio, representava Iansã. Mas a divindade dos ventos e das tempestades não tinha lugar consagrado.

"Onde procurar?", a garota se perguntava.

Até a hora de dormir, Janaína relembrou as histórias da orixá. Nenhuma delas servia de indicação. Já era de madrugada e ela rolava na cama. De manhã, levantou-se com os olhos inchados de sono. Maria de Fátima a chamava para a missa do "avô".

—Vamos, menina! Não nos podemos atrasar.

Na igreja da Sé, muitas pessoas foram rezar pela alma de Vicente. O primo Pedro também apareceu. O padre fez um discurso emocionado. Leu o evangelho.

De celebração tão longa, Janaína jamais havia participado. Ela não conseguia ouvir o sermão. O olhar vagava perdido pela nave gótica da catedral. Numa das voltas, deu com os olhos de Jorge, fazendo sinal.

A garota entendeu. Aproveitou o momento da comunhão. Após receber a hóstia consagrada, em vez de retornar para o banco, fez que ia concentrar-se num canto reservado. Enquanto todos se recolhiam em suas orações, ela e Jorge foram para trás do altar.

—Jesus que nos desculpe este pecado!—disse o rapaz.

—Ele vai perdoar. É por uma causa justa—afirmou Janaina.

E não perdeu mais tempo. Começou a contar sobre o encontro do engenheiro com o homem gordo do dia do enterro; sobre o mal encarado do Palácio das Necessidades. Quando ia falar de Iansã, o padre estava encerrando a cerimônia. Eles tiveram de voltar.

Por sorte, na saída da missa, muitas pessoas cercaram os Amendoeira. Gente que ainda não havia apresentado os pêsames, de praxe.

—... Iansã não conseguia ter filhos...—dizia a garota. —Então, foi consultar um babalaô. Ele disse que ela deveria fazer oferendas aos antepassados.

O rapaz ouvia pensativo. Uma idéia surgiu na mente dele.

—Existe um caso parecido na história de Portugal. A rainha Mariana, de Áustria, também não conseguia ter filhos. Ninguém sabia se o problema era dela ou de D. João V. Daí, o rei fez uma promessa. Se nascesse um herdeiro da coroa, ele mandaria construir um convento. O convento de Mafra.

Apesar de estar escutando, Janaína prestava atenção ao movimento em volta deles. Na fila dos cumprimentos, ela reconheceu o gordo misterioso. E, na calçada da esquina, o homem do palácio, sorrindo.

A garota tentou mostrá-lo ao "primo". Mas, no instante seguinte, o estranho havia desaparecido.

18 UM MACHADO DE DUAS LÂMINAS

Se a missa serviu para aproximar Jorge e Janaína, também causou algum efeito na cabeça de José Carlos. Ele voltou pra casa com o semblante mais leve do que o habitual, da última semana. Até sorrir, sorria. Pediu desculpas a Maria de Fátima por ter ofendido Janaína. E para a garota, passou a olhar de um jeito menos duro.

Talvez, o espírito dele tivesse sido tocado pelas palavras do padre. Mas a mudança podia ter outro motivo. Na saída da missa, um amigo seu tinha oferecido um apartamento para alugar. O preço era bom e o local, não dos piores: Bairro Alto. Região de vida noturna, cheio de bares e casas de fado.

José Carlos sentiu como se tirasse um peso das costas. Com novo estado de ânimo, quis reparar a grosseria que havia cometido com a irmã e a "sobrinha". Propôs um passeio para o dia seguinte: domingo.

—Vamos aproveitar que estou de folga e o autocarro da Vale Verde vai ficar comigo. Seguirei o mesmo roteiro que faço com os turistas.

—Então não vou para Coimbra hoje—quem falou foi Pedro.—Posso dormir aqui esta noite?—pediu.—Quero ir com vocês amanhã. Estou a precisar de um descanso das minhas pesquisas para a universidade.

—Podes ficar no quarto que era de Vicente.—respondeu Cecília.

Uma alegria serena tomou conta da família. A vigilância aos jovens foi relaxada. Jorge e Janaína puderam se encontrar na soleira do sobrado. O rapaz sabia que o itinerário do pai incluía Mafra, e comentou com a garota:

—Parece que esses teus orixás estão ajudando mesmo busca do ouro!

—Ou será o nosso vô?—suspeitou ela.

—Oh, velho Vicente, que não descansas. Tu e os Amendoeira antepassados. Mas o mais novo dos teus descendentes segue os passos de Mateus, no encontro com a raça negra—Manuel Louco parecia declamar, olhando para o céu.

—Cala essa boca, seu giro!—gritou Jorge, apavorado. —Quer que toda a gente ouça?

Janaína ficou surpresa. Desconhecia o lado lúcido do louco. Foi sentar-se junto dele.

—O que você sabe de Mateus?—perguntou ela.

Os olhos de Manuel continuaram voltados para o alto. Ele nem sequer virou-se para a garota. Continuou a falar:

—O que toda a gente sabe é que ele foi expulso do país, por D. Maria I, e morreu no exílio. Na verdade, antes mesmo do marquês de Pombal ser desterrado da corte, Mateus fugiu para o Daomé, na África. Houve quem dissesse que ele carregava no peito a nostalgia dos tempos em que era marinheiro e tinha se apaixonado por uma escrava. Prevendo o que iria acontecer no governo, com a morte de D. José I, foi passar o resto dos seus dias entre os negros.

—E deixou o ouro para o filho.

Quem concluiu foi Jorge. O rapaz não parecia surpreso. Apesar de desconhecer esses fatos, era como se ouvisse narrar uma história pela segunda vez. Chegou a visualizar algumas cenas. Sentiu na alma o amor de Mateus pela mulher negra. No mesmo instante, olhou para Janaína com uma terrível vontade de pegar na mão dela. E teria feito isso, se Manuel não estivesse entre os dois.

Nesse momento, uma das janelas do sobrado se abriu, projetando um pouco de luz no beco mal iluminado. Era Maria de Fátima, chamando:

—Venham dormir, os dois! Amanhã vamos levantar cedo.

No outro dia, o sol ardia forte. Num estacionamento da redondeza, José Carlos fazia o motor do microônibus esquentar. Cecília e Mafalda chegaram com uma cesta cheia de sanduíches, tortas e frutas.

—Comer em restaurante é caro. Melhor economizarmos um pouco—disse a esposa.

Pedro trouxe uma máquina fotográfica.

—Já que vocês vão logo nos deixar, quero ter algumas recordações—falou para Maria de Fátima.

Ele entendia muito de arquitetura e conhecia bem os lugares turísticos de Portugal. Serviu de guia para o grupo. Mais para Janaína, porque os outros já conheciam Sintra, Estoril, Cascais...

Mafalda estava orgulhosa dos conhecimentos do filho.

—Esse puxou Mateus, vai ser tão famoso quanto ele.

—Isto aqui é uma tentativa de cópia da basílica de São Pedro, no Vaticano—disse Pedro, na igreja do Convento de Mafra.

Jorge e a garota estavam muito interessados. O que o primo falava podia ajudá-los no que procuravam.

A capela lateral ao altar era fechada por uma grade, lembrando um crochê de ferro. Os desenhos eram tantos que embaralhavam a visão. Por duas vezes, Janaína bateu os olhos numa forma que destoava do conjunto. Não notou nada de imediato. Mas teve um efeito retardado de percepção. Eles já saíam do convento, quando explodiu na consciência dela o significado do símbolo: um machado de duas lâminas.

—Xangô!—gritou, sem se dar conta dos demais.

—O que disseste?—perguntou a velha, curiosa.

Vendo a enteada sem graça, Maria de Fátima interferiu.

—É um orixá do candomblé. Na Bahia, evocam esses santos a todo momento.

Nesse tempo, a garota se recuperou.

—Foi uma exclamação de entusiasmo com a beleza da igreja, só isso!—inventou.

Até Jorge sentiu-se mais aliviado. Ninguém insistiu no assunto. Seguiram para o Palácio de Queluz, próxima etapa do passeio.

—Mateus Vicente trabalhou nesta obra—lembrou Pedro.

O suntuoso conjunto arquitetônico tinha sido residência da família real. Também conhecido como palácio de verão, possuía salões e mais salões ricamente ornamentados, cada um com motivos e materiais diferentes: mármore; espelhos; pinturas, representando cenas das cortes e dos descobrimentos portugueses; incrustações em ouro...

Em um dos aposentos, Maria de Fátima falou:

—Neste quarto nasceu e morreu D. Pedro, primeiro no Brasil e quarto de Portugal.

Do lado de fora, os jardins eram em estilo francês. No meio do parque, corria a ribeira do Jamor. Para aproveitar a água do riacho, haviam construído o Lago Grande, estreito e comprido

—Parece um rio. Pena que está sem água!—disse Janaína.

—Para enchê-lo, é preciso fechar as comportas de ferro —explicou Jorge.

—Vamos descer!—sugeriu a garota.

Uma escada conduzia ao fundo seco do lago. Nas paredes de azulejo, decorados com vistas panorâmicas de portos fluviais e marítimos, Janaína observou uma imagem.

—Olha que bonita esta mulher!—comentou com o garoto.

—Que será isso que ela segura? Um leque?—perguntou ele.

—Deve ser um espelho—foi a impressão dela.

19 UM BEIJO NA HORA CERTA

Já em Lisboa, no fim da tarde, Pedro decidiu voltar para Coimbra. Jorge e Janaína despediram-se dele, sem saber que teriam de viajar para aquela cidade, no dia seguinte. Perceberam depois, ao analisar a pista encontrada no Convento de Mafra.

—Aquele é o machado de Xangô, que reinou em Oyó —relembrou Janaína.—Ele amava as crianças, a beleza, as artes. Era calmo e não tinha energia para ser governante.

—Alguns reis de Portugal foram assim—comentou Jorge,

O céu escurecia devagar. Nessa noite, Manuel não estava no beco. Os jovens ocupavam o banco em que ele costumava sentar.

—Xangô tem sentimento de justiça e é considerado o pai dos intelectuais—continuou a garota.—Era muito elegante também. Vaidoso, gostava de luxo. Trancava os cabelos como os de uma mulher.

—Ah, parece D. João V—disse o garoto.

—O rei que mandou construir o convento a que nos fomos hoje?—ela quis confirmar.

—Esse mesmo.

—Então, as pistas se fecharam!—desconfiou Jantam.

—Penso que não—refletiu Jorge.—O convento pode estar mais ligado a história da mulher do rei, Mariana, que não podia ter filhos. Esse lado intelectual, que disseste, tem a ver com a biblioteca de Coimbra. Também foi construída por D. João V.. Já sei qual será o nosso programa de amanhã.

—Mas não é perigoso?—questionou a garota.

—Perigoso, por quê?

—Você se esquece de que estou sendo seguida. Hoje ninguém apareceu porque estávamos acompanhados. Mas... viajarmos sozinhos? Tenho medo.

Jorge fez uma expressão de ofendido.

—Não confias em mim?

—Ora, não é isso!—ela acariciou o rosto dele.—É que nada me tira da cabeça que o engenheiro aí da obra anda vigiando as nossas saídas. Se ele roubou aquela mensagem, já entendeu muito bem como está sendo a nossa busca. Aposto que contratou aquele homem para me ameaçar.

—Neste caso, o jeito é sairmos sem que o engenheiro perceba!—concluiu Jorge.

—O que vamos dizer para nossas mães?—perguntou Janta.

—Inventamos alguma. Coimbra e tão perto que, se sairmos cedo, no meio da tarde já estamos cá de volta.

Mas nem foi preciso inventar nada. Quando eles acordaram, na segunda-feira, só Mafalda estava em casa. Maria de Fátima e Cecília haviam saído. Começavam a colocar em prática um plano para salvar o sobrado da hipoteca.

O problema dos jovens era passar pelo beco sem serem notados pelo engenheiro. Enquanto Janaína espiava pela janela, Jorge resolveu telefonar para o primo.

—Eu queria falar com Pedro, por favor!

Do outro lado da linha, uma voz femininas mal-humorada, respondeu:

—Faz tempo que ele não aparece por aqui—e desabou o aparelho.

O garoto estranhou, mas não teve tempo de refletir. A garota chamava:

—Vamos agora! Os trabalhadores da obra foram todos tomar café no boteco.

Eles já abriam a porta quando Mafalda apareceu.

- Vão saindo assim, sem se despedir?—ela reclamou.

—Vão saindo assim, sem se despedir? — ela reclamou.

- Desculpa-nos, tia! Até mais tarde—disse Jorge, puxando Janaína.



Até a estação de Santa Apolônia, eles não conversaram. Olhavam em todas as direções, com medo de algum perseguidor. Ainda passaram uma hora de agonia, à espera da partida. Só relaxaram dentro do trem. A composição começando a se locomover.

O movimento de turistas, alegre e colorido, descontraíu os jovens. Eles se esqueceram da missão que os levava a viajar. Eram como um casal de namorados, enternecidos com a paisagem. Olivais e olivais corriam ao lado dos trilhos. Pareciam prateados sob a luz do sol.

Jorge segurou a mão de Janaína. Uma vibração de amor subiu pelo braço, passou pelas faces, tocou os lábios da garota. O garoto chegou mais perto dela. Os olhos de um atraindo o olhar do outro. Jam se beijar quando escutaram um barulho de porta batendo.

Por cima do banco, Jorge viu o boné do inspetor de vagão. Lembrou-se de que não tinham autorização para viajar. Mas uma idéia passou rápida pela cabeça do rapaz.

—Dê-me cá o teu bilhete, depressa!—pediu à garota.

Ele juntou a passagem dela com a dele e prendeu as duas no braço da poltrona. Em seguida, abraçou Janaína e deu aquele beijo, que tinha ficado suspenso não ar, segundos atrás.

A cena chocou alguns passageiros. Um rapaz branco beijando uma garota negra não era lá muito comum. O funcionário do trem ficou constrangido. Evitou interrompê-los. Vendo as passagens na abertura do cinzeiro, conferiu e as devolveu para o mesmo lugar.

- Estamos salvos—cochichou Jorge, depois que o homem passou.

—Puxa! —exclamou Janaína, sem fôlego. — Não fomos detidos por pouco.

Daquele momento em diante não foi preciso dizer mais nada. O sentimento entre os dois crescia, silencioso. De mãos dadas, passearam por Coimbra. Havia um clima de poesia na cidade. As praças, os edifícios antigos, tudo cuidadosamente restaurado, como se de propósito para manter vivo o espírito do romantismo.

Não fossem os olhares curiosos das pessoas na rua, Jorge e Janaína teriam se perdido no tempo. Apreciavam o rio Mondego quando uma sensação de urgência invadiu a garota.

—Não podemos demorar—ela se lembrou, de repente.

Com passos acelerados, eles subiam agora a ladeira que leva a universidade. Tinham de comprar ingresso para pintar a biblioteca, transformada em museu. Dezenas de turistas entraram junto com os dois. Janaína se surpreendeu.

—Vixe, que luxo!—exclamou.

Amplios salões, com mezanino em volta, guardavam milhares de livros gravados em ouro. O forro, pintado em perspectiva, dava a impressão de estar ainda mais alto. O ambiente inteiro brilhava, ofuscando a visão.

—Será meio impossível encontrarmos algum sinal aqui— comentou o rapaz.

Mas ao terminar de falar, ele reparou no retrato de D. João V, dependurado numa parede do fundo. Um cercado de cordas impedia que as pessoas se aproximassem da tela. Por sorte, haja apenas um segurança lá dentro.

—Eu vou distrair o guarda, enquanto você investiga—sugeriu Jorge.

Fingindo-se interessado num livro, no primeiro salão, o rapaz afastou o homem. Sem se incomodar com os outros visitantes, Janaína pulou a corda. No quadro do rei não havia marca nenhuma.

"Mas pode ser que esteja atrás", ela pensou.

A garota inclinou um pouco a moldura e espiou. Na madeira de fundo eslava escrito: Obá.

20 A ÚLTIMA TENTATIVA

Se Jorge e Janaína estavam com sorte na manhã de segunda-feira, de Cecília e Maria de Fátima não se podia dizer o mesmo. Ficaram mais de um hora na sala de espera do Patrimônio Histórico. Quando, por fim, o diretor se dignou a atendê-las, não deu nenhuma esperança.

—Para nós—disse o homem—, não importa se os proprietários são parentes de Mateus Vicente. O que interesse é que Alfama inteira seja restaurada. É um bairro importante para o turismo em nossa cidade.

—Compreendemos—afirmou Cecília—Aliás, se pudéssemos, faríamos a restauração por nossa conta.

—O senhor há de convir que—emendou Maria de Fátima—, em se tratando da antiga residência de um representante tão famoso da arquitetura nacional, a casa terá um valor histórico maior se os descendentes dele continuarem a viver lá.

Nenhum argumento comovia o diretor. Ele parecia preocupado apenas com a questão financeira do caso.

—Pelo o que eu estou a entender, as senhoras gostariam que a prefeitura pagasse a hipoteca... Isto é impossível. Não temos verba para tanto. Até para as obras, contamos com a colaboração dos donos dos imóveis. Aliás, existem interessados na aquisição do sobrado e, segundo eu soube, podem bancar a restauração.

As cunhadas se entreolharam aflitas. Como se tivessem combinado, perguntaram, ao mesmo tempo:

—Quem são essas pessoas?

—Isso eu não posso dizer. Tenho de respeitar o pedido de sigilo—o homem encerrou a conversa.

Cecília e Maria de Fátima saíram de lá indignadas. Porém, dispostas a não se deixarem abater. Renovando as expectativas, foram ao Banco Imobiliário.

—É um prazer recebê-las—disse o gerente, com cara de quem sentia o contrário.

De um jeito humilde, as mulheres explicaram o problema. Repetiram tudo o que haviam dito para o diretor do Patrimônio. Maria de Fátima tentou renegociar a data do vencimento da hipoteca. Ofereceu seus bens no Brasil como garantia. O homem faltou rir dela.

—Por que eu vou esperar mais um ano pelo pagamento de uma dívida que pode ser saldada de imediato?

—Como assim?—Cecília não entendeu.

—O sobrado está praticamente vendido!—explicou o bancário.

—Podemos saber quem é o comprador?—perguntou Mana de Fátima, vermelho de raiva.

—Desculpem, mas é sigilo.

Cecília quase chorou. Maria de Fátima ainda apostava numa última tentativa. Já na rua, perguntou para a cunhada:

—Conheces algum jornalista?

—Conheço o Fernando, mas não queria procurá-lo.

—Por quê?

Ele foi meu namorado. José Carlos poderia não gostar - respondeu ela, meio tímida.

Maria de Fátima insistiu:

—Ora, tu não podes deixar que um ciúme do passado atrapalhe nossa derradeira chance.

—É isso mesmo!—concordou a cunhada, tomando coragem.

A redação do *Correio de Portugal* estava calma, àquela hora da manhã. Quando soube que era Cecília quem o procurava, o editor do Caderno de Cidades veio depressa.

—O tempo passa e tu ficas mais bonita!—exclamou ele emocionado com a visita-surpresa.

Ela fez que não ouviu o galanteio. Apresentou Maria de Fátima.

—Em que lhes posso ser útil?—quis saber Fernando.

Resumindo os fatos, elas falaram da hipoteca, da morte de Vicente, do fogo na loja, da falta de dinheiro. Ele escutava com interesse. O tino de jornalista já imaginando uma grande matéria. Pensando na boa imagem que o jornal teria entre os leitores, se defendesse uma causa como aquela.

—Vamos para a sala de reuniões—sugeriu.—Estaremos mais à vontade.

Fernando pediu água e café para as duas. Procurava ganhar tempo para que as idéias se clareassem em sua mente. Reconfortadas com a recepção gentil, Maria de Fátima e Cecília relaxaram um pouco. Contaram até sobre as incursões que tinham feito ao banco e à prefeitura.

—Daí, pensaram no apoio da imprensa!—concluiu Fernando.

—Será que o jornal teria interesse pelo nosso problema? —perguntou Mana de Fátima.

—Claro, isso é notícia—confirmou o jornalista.—Ainda mais que envolve o nome de um arquiteto importante. Mas uma simples nota acho que não basta. É preciso fazer um grande barulho.

—De que maneira?—era Cecília, meio preocupada.

—Façamos uma exposição!—respondeu ele.

Os olhos de Maria de Fátima brilharam, antevendo a repercussão do assunto. Fernando continuou expondo o plano.

—Podemos reunir material histórico: mapas, plantas da cidade, projetos de edifícios. Enfim, tudo o que esteja ligado à vida e à obra de Mateus Vicente. Vou falar com o diretor do jornal. Se ele apoiar o projeto, teremos uma equipe para fazer esse levantamento.

—Nós temos muita coisa arquivada também—lembrou-se Cecília.

—Todos os veículos de comunicação cobririam o evento, tenho a certeza—afirmou Fernando.—Seria urna espécie de campanha para sensibilizar a opinião pública. Quando a sociedade souber que a família do arquiteto está na iminência de perder o imóvel, as autoridades vão querer dar uma solução para o caso.

—E onde faríamos a exposição?—foi a pergunta de Maria de Fátima.

—Eu poderia arranjar o salão cá do prédio. Mas para causarmos um impacto ainda maior, o sítio ideal é o próprio sobrado dos Amendoeira.

—Lá em casa?!—exclamou Cecília, assustada.

O susto durou pouco. Na volta, o entusiasmo de Maria de Fátima contagiou a cunhada.

—Isolamos a cozinha, esvaziamos as salas de visita e de jantar...

Programando as providências, as mulheres fortaleciam a fé de salvar o sobrado. Uma única preocupação persistia no pensamento delas:

"Quem será que quer comprar a nossa casa?"

21 UMA VISITA INESPERADA

Nesse meio tempo, em Coimbra, Janaína soltou o quadro de D. João V. Pulou a corda e correu ao encontro de Jorge. O rapaz ainda entretinha o guarda na primeira sala da biblioteca. Logo se desvencilhou do homem.

Saindo do prédio, Janaína contou o que tinha visto atrás da moldura.

—A próxima pista é Obá. Orixá feminino, mais forte do que muitos homens.

Embora satisfeito com a nova descoberta, Jorge tinha outra preocupação.

—Vamos até a casa de Pedro?—ele propôs.

—Mas, por quê? Estivemos com ele ontem!—argumentou a garota.—Não será melhor pegarmos logo o irem de volta?

—Tem uma coisa que está a intrigar-me—o rapaz esclareceu.—Quando eu telefonei de manhã, disseram-me que de não aparece em casa faz tempo. Não é esquisito?

Janaína não tinha resposta a dar. Em questões de família, achou melhor ficar de fora. Estendeu a mão a Jorge, pronta para acompanhá-lo.

O garoto conhecia bem a cidade e sabia como chegar depressa ao endereço: rua Garrett, em frente ao Jardim da Sereia. O apartamento de Pedro ficava no primeiro andar.

Pensando nas perguntas que faria, Jorge tocou a campainha. Mas quando atenderam, ele se surpreendeu.

—Pedro!?—exclamou o rapaz.

—Jorge e Janaína! Que visita inesperada! O que fazem em Coimbra?—perguntou o primo.

Constrangido, o garoto não soube o que dizer. Pedro vestia um roupão de banho, aparentemente sem nada por baixo. Tinha os cabelos despenteados e, do corpo dele, exalava um perfume feminino. Vendo os jovens hesitantes, como que paralisados ali no corredor, ele falou:

—Desculpem recebê-los desta maneira... Vamos entrar, não reparem a bagunça...

Mas antes que eles atravessassem a porta, uma voz de mulher, vindo do quarto, perguntou:

—Quem está aí, meu bem?

Janaína queria sumir, de tanta vergonha. Decidindo acabar logo com aquela situação embaraçosa, ela disse:

—Nós já vamos embora. Nossas mães não sabem que estamos aqui. Por favor, não conte nada para elas, está bem?... Tchau.

Sem esperar por Jorge, correu escada abaixo. O garoto se despediu do primo e se apressou para alcançá-la.

De novo na rua, passado o vexame, os dois riam do acontecido.

—Ele estava transando e nós viemos atrapalhar—comentou Janaína.

—Se calhar, chegamos no melhor da festa emendo Jorge, num tom malicioso.

—Por que será que mentiram ao telefone?—a garota perguntou.

—Lá sei eu.

—Vai ver, foi a namorada dele, para espantar chatos, como nós—ela mesma respondeu, rindo.

A temperatura na cidade atingia a marca máxima do dia. As sombras escondiam-se embaixo das casas, dos postes, dos automóveis. Devia ser meio-dia, um pouco mais, um pouco menos. Jorge olhou para o parque, em frente: Jardim das Sereias. Árvores generosas ofereciam abrigo contra o sol a pino. Janaína lembrou-se de um pedido que havia feito a uma sereia, no dia de lemanjá, em Salvador.

—Está muito calor—reclamou o rapaz.—Vamos descansar cá uns minutos.

O gramado era um convite ao relaxamento. A garota deitou-se de costas. Jorge, de bruços. Com voz suave, como se para não espantar os passarinhos, eles falavam de amor.

—No primeiro dia em que te vi, fiquei meio perturbado confessou Jorge.

—E eu com medo—disse a garota.

—De quê?

—De me apaixonar por você.

—Já te apaixonaste antes?—ele quis saber.

—Não—ela respondeu.—Por isso mesmo é que tive medo.

—E agora, continuas com medo?—Jorge chegou mais perto dela.

—De me apaixonar, não, porque eu já me apaixonei. Mas de não podermos ficar juntos.

—Também temo por isso. Depois daquela madrugada infeliz, em que eu perdi o controle...

—Esqueça!—ela sugeriu.

—... Quase calei o meu sentimento por ti —continuou ele. - Se não fosse a história que o Manuel Louco contou...

—Que história?

—A de Mateus Vicente, que carregava no peito a dor de não ter assumido sua paixão por uma negra. Foi como se eu sentisse a mesma dor. Só que com uma diferença: eu poderia evitá-la.

Um fio de lágrima correu pelo rosto da garota. Jorge a enxugou com os dedos, cheio de ternura.

—Não tenha medo—ele disse. O olhar meigo, observando a testa, os cabelos crespos, a pontinha da orelha de Janaína.

Ela acariciou a nuca do rapaz. E as mãos dele começaram a passear pelo corpo dela. Primeiro, na cintura, depois foi subindo, chegando aos seios...

—Pare, agora não!

—Está bem—concordou o rapaz.—Mas não se levante, vamos conversar mais um pouco.

A sombra já se afastava da árvore. O sol esquentava os pés dos dois quando eles se deram conta do horário.

—Ternos de ir embora—lembrou-se a garota.

Até aquele momento, nem fome tinham sentido.

—Comemos alguma coisa no comboio—sugeriu o rapaz, já a caminho da estação.

O trem estava lotado. A maior parte dos passageiros vinha do Porto. Apenas algumas pessoas embarcaram em Coimbra. Jorge e Janaína tiveram de percorrer vários vagões para encontrar duas poltronas vagas.

E agora, sentados, depois de comprar o lanche que a moça do carrinho vendia, retomaram a conversa sobre Obá.

—Ela é rival de Oxum no amor a Xangô—começou Janaína— Conta uma lenda que, para ajudar o rei de Owu, em expedição guerreira, Obá teria feito as águas do rio baixarem...

"... *No leito seco do rio, os exército do rei pôde passá e vencê a luta contra os inimigo*", era como se Janaína ouvisse mãe Naninha falando.

E depois de contar, ela perguntou:

—Por acaso algum leito de rio já secou em Portugal?

Jorge não teve tempo de responder. Nesse instante apareceu o fiscal do trem. Eles tinham de passar despercebidos. Tentaram o truque do beijo. Mas dessa vez não deu certo.

—Os bilhetes, por favor!—pediu o homem.

Jorge continuou beijando Janaína. O funcionário do trem insistiu.

—Moço!—chamou, num tom enérgico.

Ainda de costas, o rapaz apontou para as passagens no braço da poltrona. O inspetor tocou o ombro dele. Já desconfiado, falou bem alto.

—Vocês são menores de idade, não são? Têm autorização de viagem?

—Não te preocupes com eles, inspetor. Estão comigo. Sou um amigo da família.

Quem respondeu foi um homem, de chapéu, óculos escuros e bigode, no banco da frente.

Janaína reconheceu a voz.

22 EU RESOLVI, ESTÁ RESOLVIDO

— É ele—cochichou Janaína no ouvido de Jorge. — O homem que me ameaçou no Palácio das Necessidades.

Mais do que depressa, os dois se levantaram. Passaram para outro vagão e depois para outro. Não havia lugar vago. Só conseguiram sentar no carro-lanchonete.

—Ele deve ter escutado nossa conversa sobre Obá. E agora, o que vamos fazer? — perguntou a garota, aflita.

—Acalma-te!—disse o rapaz.—Não podemos perder a cabeça.

A composição estacionou no terminal de Santa Apolônia. Num instante, a plataforma ficou lotada de gente que desembarcava do trem. No meio do movimento rápido das pessoas, Jorge teve uma idéia.

—Entra na casa de banhos—falou para Janaína.—Vou tentar despistá-lo.

O chapéu do homem, mais o bigode, destacavam-se no vai-vém do saguão. A cabeça erguendo-se acima da multidão. De propósito, o garoto passou perto dele e saiu do

edifício, correndo. Rodeou a quadra da estação e entrou por uma outra porta. Procurou no café, na barbearia, na sala de espera. E nada. Nem sinal do perseguidor.



Desconfiado de alguma emboscada, Jorge parou em frente ao banheiro feminino. De lá de dentro, Janaína espiava para fora, meio que atrapalhando a passagem das outras mulheres. O rapaz fez sinal para que ela esperasse mais um pouco. Deu outra volta, olhando para tudo quanto era canto. O homem havia desaparecido. Só então ele chamou a garota.

—Vamos tomar um táxi—sugeriu.—É mais seguro!

No ponto dos carros de praça, a fila era enorme. O tempo de espera pareceu mais longo, por causa da agonia. Por fim, chegou a vez deles. Os dois tinham entrado no

automóvel, no banco de trás. Jorge indicava a direção ao motorista. De repente, o mal-encarado apareceu na janela, do lado de Janaína.

—Até o próximo encontro, crianças!

Pensando tratar-se de algum amigo dos jovens, o motorista retardou a partida.

—Vamos, moço! O que está esperando?—gritou a garota.

Depois de alguns instantes, o carro estacionou no alto da Alfama. Eles ainda tinham de descer as escadas e vielas do bairro a pé. Quase atropelaram Manuel Louco, perambulando no beco.

Minutos antes, José Carlos havia chegado em casa. Vinha feliz, trazendo o contrato de aluguel do apartamento, para ser assinado. Mas, agora, amargava de raiva, com a notícia de que Jorge e Janaína estavam sumidos desde cedo. Maria de Fátima e Cecília não aguentavam mais de preocupação.

—Graças a Deus, vocês apareceram!—falou a madrastra, ao vê-los entrando.

—Jorge!—gritou o pai.—Sobe para o teu quarto.

—Mas...

—Nem uma palavra. Tua mãe leva comida para ti. Mais tarde conversaremos.

Maria de Fátima foi com Janaína para a cozinha.

—Por onde vocês andaram?—perguntou, enquanto punha um prato na mesa.

—Perdi a fome, mãe!

—Não me respondeste—insistiu a madrastra.

—Não posso te contar nada, ainda —disse a garota, chorado.

A "mãe" abraçou a "filha".

—Eu sabia que essa tua história com Jorge ia fazer-te sofrer. Já começou, não foi?

Janaína não falou nada. Levantou-se e subiu para o quarto.

Na sala, o clima era tenso. Mafalda. Que até ate então tinha ficado calada, disse:

—Foste muito duro com ele, José Carlos!

- E vou ser mais!—respondeu o pai.—Mas eu não estou a entendê-la. Deu para defender esse romance, tia?

—São duas crianças, meu sobrinho! Isso não vai dar em nada.

—Não quero correr o risco. Já sei muito bem que providência tomar—e, olhando para a irmã, anunciou:—Enquanto cá estiverem, Jorge vai para o Algarve, ficar na casa dos teus pais, Cecília—completou ele, virando-se para a esposa.

Maria de Fátima não se atreveu a contrariá-lo. Cecília, porém, não estava de acordo com a decisão. Enfrentou o marido.

- Não achas que estas sendo radical demais?

—Só porque estou a oferecer ao meu filho umas férias na praia? Em pleno verão?

—A oferecer?!—indignou-se a mulher.—Tu o estás obrigando. Nem sequer perguntaste se ele quer ir.

—Faço isso para o bem dele!—defendeu-se José Carlos.

Maria de Fátima ficava cada vez mais deprimida, lembrando-se do passado. No discurso do irmão, era a voz do pai que se ouvia, no tempo em que havia se decidido a casar com Raimundo.

"Eu te proíbo de unir-se a um negro. Faço isso para o teu próprio bem."

Tal proibição de nada tinha adiantado.

"E se o amor deles for mesmo forte, também não vai adiantar dessa vez", ela pensou, alheia à discussão do casal, que contido suava.

—Tu ainda vais agradecer-me por isso!—afirmou o marido.

—Por fazeres Jorge infeliz?—ironizou a mulher.—Pois se tu ainda não percebeste, digo-te: fazia tempo que o nosso figo não andava tão alegre.

—Pensa bem, meu sobrinho!—Mafalda se intrometeu. - Janaína não ficará aqui para sempre. Deixa o menino divertir-se, depois ele se esquece dela.

O comentário da tia teve o efeito de uma pedrada no coração da madrasta. Ela permaneceu em silêncio. Alterado, José Carlos sentenciou:

—O que resolvi, está resolvido!

—Se é assim...

Cecília virou as costas para deixar a sala. Mas ele a impediu.

—Volta aqui, mulher! Temos de assinar este contrato.

Ela ficou paralisada. Maria de Fátima também gelou por dentro.

—Eu não vou assinar, por enquanto — disse Cecília, com firmeza.

Uma nova discussão estava armada no sobrado dos Amendoeira.

23 O SEGREDO DO PORÃO

Com muito custo, muitos argumentos persuasivos, Cecília e Maria de Fátima convenceram José Carlos a esperar mais um pouco para alugar o apartamento.

—É uma tentativa—disse a esposa.—Se calhar, conseguimos o apoio de alguma instituição.

—Não vamos ter gasto nenhum na montagem da exposição —acrescentou a irmã.—O Correio de Portugal vai abraçar a nossa causa. O pessoal do jornal prontificou-se a ajudar em tudo.

—Como foi que arranjaram isso?—quis saber José Carlos.

Cecília gaguejou. Não podia dizer que era Fernando que estava por trás da iniciativa. Maria de Fátima salvou-a do embaraço.

- Procurei um amigo meu, do tempo da faculdade.

- Mas tu fizeste artes plásticas!—ele percebeu a contradição.

—Eu, sim, mas ele desistiu e virou jornalista—ela foi rápida na mentira.

—Está bem. Tudo pela nossa casa! Acho que o pai aprovaria a idéia—concordou o irmão.

Nesse caso, José Carlos cedeu. Mas não desistiu de mandar o filho para o Algarve, nem com toda a insistência da mãe.

—Deixa o menino! Ele poderá ajudar-nos!

—Não, não e não—reafirmou o marido, de modo definitivo.

Na manhã seguinte, o rapaz partiu cedo para Santa Apolônia. Dessa vez, não teria problemas com o inspetor do trem.

Levava autorização do pai para viajar. E embora as praias do sul fossem bonitas e alegres naquela época do ano, o que pesava em Jorge era a angústia. Muito mais do que a mochila, pendurada nos ombros.

"Será que nunca mais vou ver Janaína?", pensava o garoto

"Será que nunca mais vou ver Jorge?", pensava a garota.

Ele lá, ela aqui, os dois sem esperanças de encontrar o ouro. O tesouro escondido, que poderia livrar os Amendoeira de todos os infortúnios. O que restava era torcer para dar certo o plano de Maria de Fátima e Cecília.

A partir daquele dia, as duas começaram a se movimentar. O telefone do sobrado parecia estar em linha direta com a redação do jornal. Iniciativas eram tomadas dos dois lados. Fernando convocando auxiliares para a pesquisa nos arquivos do Estado. As cunhadas vasculhando o material de que dispunham no porão. Janaína ajudando. Enquanto a madrastra e a "tia" desembulhavam pacotes empoeirados, ela mexia na estante de Mateus.

"Sétimo livro, da esquerda para a direita", a voz de Vicente permanecia viva na memória.

O dedo indicador acompanhou a contagem: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

"Exu, Oxalá, Ogum, Iansã, Xangô, Obá... Seis livros, seis orixás", refletiu a garota, imaginando uma relação entre uns e outros.

A mensagem tinha sido escondida no sétimo. Tivesse Janaína o raciocínio curto, e ela teria pensado que tudo não passava de mera coincidência. Nervosa, a mão tremendo, ela puxou o volume indicado: um relatório completo sobre as obras do Palácio de Queluz.

Uma sucessão de cenas bombardeou a mente da garota. Por um segundo, ela viu Obá, a orixá guerreira, baixando as águas do rio. Depois, a si própria, conversando com Jorge no trem, na volta de Coimbra.

"Por acaso, algum leito de rio já secou em Portugal?"

Naquele momento, quando entrou o inspetor do vagão, a pergunta ficou sem resposta. Mas já havia sido respondida antes.

"Para enchê-lo, é preciso fechar as comportas de ferro", tinha dito o rapaz, no dia da visita ao Palácio de Queluz.

Janaína enxergava, agora, o Lago Grande, que mais parece o leito seco de um rio.

"Para secá-lo, portanto, era só abrir as comportas. É isso!", ela exultou em silêncio, no instante em que parava de folhear o livro.

Só então os olhos se fixaram na página aberta. Esboços e legendas detalhavam o projeto de construção do Lago Grande. Na próxima folha, o desenho que havia servido de base para a decoração dos azulejos. No croqui, de tamanho reduzido e repleto de detalhes, a garota reconheceu uma imagem.

Em destaque, marcado com uma pena de nanquim mais grossa, estava a figura de uma mulher. Parecia uma iara, deitada beira do rio, segurando um espelho.

Era Oxum, orixá vaidosa. Deusa das águas doces, dos metais dourados. A mesma que os jovens tinham visto durante o passeio.

"É aqui, neste ponto do lago, que está o ouro. Num buraco na parede, provavelmente bem vedado, com tijolos e argamassa, atrás dos azulejos", concluiu Janaína, já com outra desconfiança.

"Sétimo livro, sétimo orixá."

Rapidamente, ela começou a tirar os outros seis livros da estante e a analisar seus conteúdos.

Volume I: textos históricos sobre a Torre de Belém, ponto de partida e chegada das grandes navegações portuguesas.

Ilustrações mostravam grandes caravelas, descarregando mercadorias do Brasil e das Índias Orientais.

Volume II: vida e obra de Machado de Castro—principais esculturas.

Entre elas, a estátua de D. José I.

Volume III: anotações sobre as dependências e características arquitetônicas do Palácio das Necessidades.

A beleza do portal, com suas pilastras romanas.



Volume IV: histórias sobre D. João V e sua mulher, Mariana, de Áustria.

A promessa do rei de construir um convento, se conseguisse ter filhos.

Volume V: extenso catálogo dos livros e obras de arte constantes na antiga biblioteca da Universidade de Coimbra.

O retrato a óleo de D. João V.

Volume VI: tratado de engenharia sobre o funcionamento de comportas fluviais.

Os mecanismos para encher e esvaziar canais.

No final de cada compêndio, no canto direito da terceira capa, havia o símbolo de um orixá. E a frase: *A fé do negro guarda o ouro*, numa caligrafia bem pequena, quase ilegível.

A garota estava estarecida, depois de tanto esforço em vão. Os perigos que ela e Jorge passaram, as mentiras que inventaram para a família, nada daquilo teria sido necessário. A trilha do ouro estava ali. Era só ser perseguida, livro por livro, ou simplesmente no último deles, na biblioteca de Mateus Vicente, dentro do porão.

O arquiteto tinha traçado dois caminhos paralelos. Um interno, de pesquisa de gabinete; outro de campo, arriscado e aventureiro. Talvez tivesse utilizado os livros para ensaiar o esquema das pistas. Talvez temesse que os livros se separassem com o tempo. E ainda assim, se apenas um deles caísse nas mãos do filho, já serviria para dar início à busca. Se ele se dispusesse, é claro, a estudar a religiosidade negra.

O marcador de couro era tão somente um guia. Um sinalizador da mensagem, que bem podia estar dentro de qualquer volume.

Mas o filho nunca havia se interessado pela biblioteca do pai. Os descendentes também não. Vicente tinha acreditado muito tarde na lenda do ouro, quando os seus olhos estavam velhos e cansados demais para enxergar marcas e letras tão miúdas nas capas dos livros.

Tudo eram suposições. E na mente de Janaína cabia mais uma:

"Vai ver, Mateus era mesmo um gozador!"

24 PRECISAMOS DE AJUDA

—Encontraste alguma coisa nesses livros que pode servir para a exposição, Janaína?— perguntou Cecília.

—O quê? Ah, não!—respondeu a garota, hesitante.

No fundo, ela sabia que o material era digno de ser exposto. Mais do que isso, merecia ser estudado por um perito. Despertaria a curiosidade de qualquer historiador, que poderia até se tornar famoso, trazendo a público a vida de Mateus Vicente.

O ex-marinheiro que se apaixonara por uma africana e conhecera a religiosidade negra. Esforçado, havia estudado para ser arquiteto. Conquistara a admiração e a confiança do Marquês de Pombal. Trabalhara em importantes edifícios históricos de Portugal e na

reconstrução de Lisboa, depois do terremoto de 1755. Tinha sido recompensado por isso, mas não ligava para riquezas.

Desiludido da fama, com medo das represálias de Maria I, arrependido por não ter assumido sua paixão, acabara se retirando do país. Fora morar com os negros de Daomé. Deixara uma fortuna para o filho, que nunca a havia encontrado.

Uma fortuna que, agora, só Janaína sabia onde estava.

—Nada aqui interessa, são livros antigos de medicina—ela mentiu para Cecília. Precisava de tempo para pensar.

Mas o tempo foi passando e a garota não encontrava jeito de aproveitar a descoberta. A vontade de contar tudo para a madrastra crescia dentro dela.

Enquanto isso, tomava corpo o evento programado por Maria de Fátima e Cecília. Diariamente, Fernando enviava mapas e projetos emoldurados. As cunhadas improvisaram vitrinas, onde ficariam os instrumentos do arquiteto: penas de nanquim, vidros de tinta ressecados, réguas de cálculos, objetos pessoais.

A equipe do jornal ajudava, desmontando os móveis da sala, pendurando quadros na parede. Fernando também aparecia, para orientar a montagem. A ordem cronológica das obras era muito importante.

Entre elas, ilustrações de vários artistas, em estilos e com interpretações diferentes, apresentavam cenas de Lisboa do século XVIII. Pequenos textos explicativos foram compostos para informar melhor os visitantes.

O jornalista vinha nos períodos da manhã ou da tarde, quando José Carlos não estava em casa. Cecília havia recomendado esse procedimento. Não porque tivesse algo a esconder, e sim por respeito ao temperamento do marido.

Janaína, que andava com medo de sair nas ruas, acompanhava os trabalhos. Mas não sabia por qual razão, Mafalda se irritava com isso.

—Sai um pouco, menina! Vai passear!—insistia a velha.

A garota nem dava resposta. Preferia ficar por perto de Fernando, conversando com ele.

Mais de uma semana havia transcorrido. As matérias do *Correio de Portugal* veiculavam o currículo do arquiteto, comentavam os preparativos da exposição, anunciavam a data de abertura. Haveria discurso de autoridades. Convites especiais foram enviados para os dirigentes do Banco Imobiliário, do Patrimônio Histórico e de outras instituições financeiras e governamentais.

Repórteres de vários jornais, de revistas e até das emissoras de televisão apareceram para entrevistar Maria de Fátima e Cecília. Sem nenhum constrangimento, elas pediam verbas para não perderem o sobrado. Prometiam em troca abrirem a casa para visitas, uma vez por semana.

Por fim, chegou o grande dia. Um livro de assinaturas havia sido colocado no vestíbulo de entrada. Carpinteiros, pintores, eletricitas trabalhavam rápido. Tudo tinha de estar pronto para logo mais à noite, no horário oficial de inauguração.

Mas, já de véspera, Cecília não se conformava com a ausência do filho. Tanto fez, tanto fez, que João Carlos permitiu que ele viesse.

—Convida também os teus pais—sugeriu o marido.

E naquela manhã, Jorge voltou, acompanhado dos avós maternos: Isabel e Joaquim. Com tanta gente, os espaços disponíveis da residência ficaram abarrotados. Até o quarto de Vicente, que tinha sido de Mateus Vicente, havia se transformado em sala de exposição.

A família teve de se acomodar conforme deu. Dividir-se entre os demais aposentos. O pior foi na hora do almoço. Os operários do jornal estavam lá para comer. Poucos sentados, muitos em pé, prato na mão, procurando um canto na cozinha. Mafalda, nervosa, servindo a todos no meio da confusão.

As discussões corriam à solta. Uns acreditando nos resultados do evento. Outros, meio pessimistas, achando que tudo ia dar em nada. Houve até quem quisesse apostar. Mas os que tiraram proveito de tamanho falatório foram Jorge e Janaína. Puderam ficar a sós, para matar a saudade, para falar em segredo.

A garota levou o "primo" ao porão. Revelou todas as descobertas. Mostrou os sete livros. O rapaz ficou tão estarecido quanto ela havia ficado.

—Mas tu tens a certeza de que o ouro está no Lago Grande? —ele perguntou por perguntar, já acreditando nas deduções de Janaína.

—É a ultima pista. Para que não reste dúvidas, só faltaria checar se nas comportas, associadas a Obá, tem a marca de Oxum. Estou certa de que sim. Mas não tive coragem de ir lá, por causa do bigodudo mal-encarado—respondeu ela.

—E se soubéssemos como despistá-lo?—interrogou Jorge a si mesmo.

—Também não adiantaria. Como conseguiríamos quebrar a parede para pegar o ouro? Precisariamos de talhadeiras, martelos. E muita força no braço—considerou a garota.

—E tem ainda a segurança do Palácio—lembrou-se o rapaz.—Na primeira martelada, estaríamos pegos.

—Além do quê—acrescentou Janaína—, esse trabalho deveria ser feito por especialistas. Caso contrário, os azulejos serão danificados.

—O que seria péssimo!—emendou Jorge.

—Necessitamos de ajuda!—assumiu ela.—E se fôssemos à polícia?

—E deixar que essa fortuna caia nas mãos de desconhecidos? Não, eu não confio—disse ele.—Temos de contar com outra pessoa. Alguém em quem possamos acreditar!

—Quem? O teu pai, por exemplo?

—Ele é um dos que mais duvida dessa lenda.

—Para a minha mãe, então?—sugeriu a garota.

—E o que ela poderia fazer?

A situação tinha chegado a um impasse. Por um momento, os dois não viam alternativa. O silêncio cresceu em volta deles. Era como se fosse uma câmara invisível que, diminuindo de tamanho, pressionava um contra o outro.

O único som que Janaína ouvia era o da respiração descompassada dos dois.

Eles se olhavam apaixonados. O desejo de se tocarem aproximando-os devagarzinho. As mãos expressando com carinhos delicados o que os lábios não conseguiam dizer. Beijaram-se.

É impossível calcular o tempo que durou o namoro. Dali a pouco, eles foram interrompidos. Após um grande estrondo, a porta se abriu com violência.

Jorge se voltou para a estante. Janaína fingiu estar lendo um livro. Mafalda acabava de entrar, de supetão. Parecia ter sido empurrada, com força, para dentro.

—Quase cai nessas escadas!—exclamou a velha, pálida de susto. Os cabelos soltando-se do coque.

Ajeitando um pouco a roupa, ela completou:

—Vinha saber se vocês querem uma limonada. É bom nesse calor.

25 E O LOUCO SOU EU

—Queremos limonada, sim! Mas vamos tomar lá em cima—Jorge respondeu rápido.

Mafalda deu meia-volta e subiu as escadas. O rapaz e Janaína aproveitaram para trocar umas últimas palavras.

—Ela percebeu tudo—suspeitou a garota.

—Meu pai vai ficar fulo comigo outra vez!—imaginou ele.

—Mas, agora, não temos tempo de pensar nisso!—disse Janaína, tendo uma idéia.—Já sei quem pode nos ajudar.

—Quem?

—Fernando.

—Quem é Fernando?

—O jornalista que está organizando a exposição. Ele ficou de passar aqui ainda esta tarde—explicou a garota.

—E tu confias nele?—perguntou Jorge.

—É um cara legal. Você vai ver...

—Está bem—concordou o rapaz.—Vamos subir agora, antes que a tia Mafalda volte.

Quando os jovens passaram pela sala, os operários já tinham ido embora. As cunhadas davam os últimos retoques no ambiente.

—Acho que estas flores ficam melhor neste canto!—falou Cecília.

—Tens razão. Agora, ajuda-me com este vaso de planta. Vamos colocá-lo lá na entrada—sugeriu Maria de Fátima.

Até os pais de Cecília trabalhavam. Com uma flanela na mão, Isabel tirava o pó das molduras. Joaquim varria o chão.

Mafalda chegou com uma bandeja. Toda gentil, ela ia servindo a limonada. Mas os jovens perceberam uma certa falsidade na velha. Foi no mesmo instante em que Fernando chegou.

- Tudo pronto?—perguntou o jornalista, sorrindo.

Ele parecia confiante. Cecília sorriu, agradecida.

—Está bonito, não está?—comentou ela,

Vários painéis haviam sido montados, de modo a criar corredores de circulação. Era só seguir as setas, para se entrar em contato com a vida e a obra de Mateus Vicente.

—Perfeito!—exclamou Fernando.—Mandarei uma repórter na hora da abertura.

—E tu, não vens?—perguntou Maria de Fátima.

O jornalista lançou um olhar interrogativo para Cecília.

—Claro que ele vem!—ela respondeu.—Não é, Fernando?

—Tu achas que devo?

—Agora eu já posso falar para o José Carlos que foste tu que montaste tudo isto. Ele não vai ter como impedir. E é melhor contar logo, antes que alguém o faça—emendou Cecília, procurando Mafalda com os olhos.

Mas Mafalda não estava mais na sala. Nem na cozinha, ou em outro lugar do sobrado. Janaína tinha ido procurá-la no andar de cima. Jorge, no porão.

—A tia desapareceu—anunciou o rapaz.

—Se calhar, foi até o mercado, comprar alguma coisa que faltou para o coquetel—desconfiou Maria de Fátima.

E ninguém mais fez conta do sumiço da velha.

—Já vou indo—avisou Fernando.—Tenho de passar no jornal ainda. Depois vou para a casa arrumar-me. Esta exposição será um acontecimento!

O jornalista descia a Alfama, quando Jorge e Janaína conseguiram alcançá-lo.

—Precisamos falar com você!—disse a garota.

—Agora, não. Estou com muita pressa. Quero escrever um discurso para hoje à noite.

—Mas é importante!—insistiu o rapaz.

—Depois, depois... Quando eu voltar—replicou Fernando, sempre andando.

Já na avenida, ele pegou o carro do *Correio de Portugal* e arrancou em velocidade.

—E agora?—lamentou Janaína.

—O jeito é esperar—respondeu Jorge.

Para os dois, o resto da tarde custou a passar. Para Cecília e Maria de Fátima, o tempo voou, enquanto se aprontava. Cuidavam das aparências dos filhos e de José Carlos. Davam um jeito de tornar Mafalda, sempre tão mal vestida, um pouco apresentável.

—Onde a senhora esteve ainda há pouco?—quis saber Maria de Fátima, enrolando uma echarpe no pescoço na velha.

—A casa da vizinha, pedir um chá calmante daqueles que ela lá tem. Estou tão nervosa!—explicou a tia.

No outro quarto, Cecília se via às voltas com o ciúme do marido.

—Não foi o jornal que resolveu nos defender, mas sim esse teu ex-namorado—esbravejou José Carlos, furioso.—E o que ele vai ganhar em troca, hein?

—Prestigio promoção, lá sei...

—Na certa, está querendo reconquistar-te!

—Estás me ofendendo!—gritou a mulher. Mas percebeu que esse não era o melhor tom.—Confia em mim, José Carlos! —continuou ela, docemente.—Se conseguirmos o nosso intento, isso é o que é importante. Fernando é só um amigo, nada mais.

Enquanto isso, os convidados começavam a chegar. Por sorte, Isabel e Joaquim estavam na recepção. Pareciam empolgados com a possibilidade de aparecerem na imprensa. Elegantemente trajados assumiam com propriedade o papel de anfitriões.

Os profissionais das revistas, dos jornais, das emissoras de rádio e de televisão estavam de volta. Dessa vez, para cobrirem a inauguração. Pessoas importantes eram aguardadas, de diversas áreas: das artes, da política, do comércio, das finanças e até da indústria.

Vários visitantes já circulavam pelas salas do sobrado. Os garçons, contratados pelo *Correio de Portugal* servindo o coquetel. A família Amendoeira dividindo as atenções. Recebendo demonstrações de solidariedade.

Para o desprazer de José Carlos e alívio de Jorge e Janaína, Fernando apareceu cedo. O jornalista foi assediado pelos colegas, querendo entrevista. Ele quase não ouvia o que os jovens falavam. A garota resolveu apelar.

—Você pensa que sabe muito sobre Mateus Vicente, não é?

Fernando aceitou o desafio.

—Acho que sim...

—Mas não sabes o bastante! —quem afirmou foi Jorge.

Não há faro de repórter que resista ao cheiro de novas informações.

—Então, contem-me. O que é que vocês sabem?—perguntou o jornalista.

- Não pode ser aqui—disse Janaína.—Disfarce e siga a gente.

No instante seguinte, eles estavam no porão.

—Quer dizer que esse ouro existe de verdade?—exclamou Fernando, depois de ouvir a história toda e ver os sete livros. E, tendo um estalo na mente, propôs:—Vamos até o Palacio de Queluz!

—Agora?!—espantou-se Jorge.

—E eu iria perder uma oportunidade dessas?—o jornalista estava eufórico.—Quero ver isso de perto. Dar umas pancadinhas nos azulejos, para sentir se há algum oco por trás da parede.

Ele olhou para o relógio, e continuou:

—Ouçam: os figurões desta noite só vão aparecer mais tarde. Eu estou de carro aí, com o chofer do jornal. Vamos e voltamos rápido. Se percebermos alguma evidência, botamos a boca no mundo. E resgatamos esse ouro na frente de toda a imprensa. Será um espetáculo!

Jorge se entusiasmou.

—Vou pegar uma lanterna.

—Vou saindo na frente, para não dar na vista!—avisou Janaína.

O rapaz, a garota e o jornalista se encontraram no beca e correram Alfama abaixo. No caminho, quase atropelaram Manuel Louco, numa das escadas. Ele vinha todo limpinho, bem arrumado. Também queria ir à exposição. Tentou falar com Jorge. Não teve jeito. Quando conseguiu se reequilibrar, viu os três entrando no carro. Ouviu Fernando dizer ao motorista:

—Palácio de Queluz, depressa!

—Ai Jesus, e depois o louco sou eu!—resmungou Manuel.



26 A PREFEITURA NÃO TEM VERBAS

—E os seguranças do palácio?—perguntou Jorge no caminho.

—Apresento a minha carteira de jornalista e digo que estou a colher informações para uma reportagem!—planejou Fernando.

Janaína ia calada. Uma sensação de perigo apertava no peito dela. Sem controlar o rumo dos pensamentos, começou a enxergar a imagem de Conceição. Não fazia muito sentido se lembrar da tia naquele momento. A garota balançou a cabeça, procurando esquecer.

O carro estacionou junto ao parque que cercava o Palácio de Queluz, bem longe do jardim principal. Acabava de escurecer. Jorge sentia-se o mais esperto de todos, por ter trazido a lanterna.

O motorista ficou aguardando ao volante. Os três entraram pelos fundos. Andavam com naturalidade, para não despertar suspeitas.

—Esquisito, não há guardas por aqui!—estranhou Fernando.

Seguindo o curso da ribeira do Jamor, eles chegaram às comportas do Lago Grande. O rapaz iluminou o engenho. Numa das peças de ferro, Janaína viu o desenho de um espelho. Desses de mão, que as mulheres antigas usavam no toucador.

—Estão vendo ali?—ela apontou, emocionada.—É a pista que leva a Oxum.

—Vamos para o lago!—falou o jornalista.

Mas, já a caminho, eles ouviram o barulho de talhadeiras trabalhando. Chegando mais perto, viram luzes saindo de dentro do canal.

—O que estará a passar-se?—perguntou Jorge.

—Psiu—fez Fernando.—Vamos mais devagar.

- *Poder ficar onde estar!*—disse uma voz, com sotaque indefinível.

Um vulto alto de homem saiu de trás de uma das árvores. No rosto, usava uma máscara de lã, que deixava suas feições irreconhecíveis. Em uma das mãos, segurava um revólver, apontado para eles.

—*Pensar ser espertos, hein?*

"Que diabo de sotaque será esse?", perguntava-se o jornalista. "Holandês? Inglês? Russo? Alemão?"

Era impossível de ser identificado.

—*Querer atrapalhar o serviço de meus rapazes?*—continuou o homem, dando em seguida um assobio.

Uma equipe de quatro ou cinco elementos abria um rombo na parede do lago. No ponto exato onde estava a figura feminina.

Um deles largou o trabalho e foi atender ao chamado do líder. Janaína reconheceu o magro mal encarado que a perseguia.

—Amarra esses curiosos na árvore!—ordenou o mascarado.

Ele falou com um acento bem português. Jorge e a garota se olharam.

Nesse meio tempo, o evento na casa dos Amendoeira atingia o clímax. As salas reservadas para a exposição já cheias de gente. O gordo misterioso, que se havia acercado da família no enterro de Vicente e na missa de sétimo dia, também estava lá. Parecia mal-humorado. Não desgrudava do diretor do Banco Imobiliário.

—Deste-me a tua palavra—disse ele ao banqueiro.—Prometeste-me prioridade no resgate da hipoteca. Não podes deixar que a palhaçada desta festa desfaça o nosso trato. Eu quero muito esta casa, quero muito o ouro...—o homem quase perdia o controle.

Cecília, que estava por perto, escutou. Não percebeu que ele ia pronunciar a palavra ouro. Mas entendeu a razão daquela presença, sempre tão inusitada.

O banqueiro temia um escândalo. Sorrindo, afastou-se do gordo. Jamais arriscaria sua imagem de executivo das finanças, por causa de um comprador obstinado. Era preciso aguardar os acontecimentos. Se as autoridades presentes decidissem ajudar os Amendoeira, não seria ele a dar o contra.

Nesse momento, discursava o engenheiro de obras. O mesmo que supervisionava a restaurado da casa vizinha.

—Este é o imóvel mais importante da Alfama. Foi habitado por um dos mais expressivos arquitetos da história de Portugal. Portanto, seu valor histórico é dobrado. Aqui viveu Mateus Vicente de Amendoeira e cá ainda reside a sua família. Não podemos deixar que o infortúnio se abata sobre os descendentes de quem tanto fez pela nossa cidade, pelo nosso país.

O discurso foi brilhante, aplaudido pelos presentes. Se Jorge e Janaína estivessem escutando, não acreditariam no que dizia o homem de quem mais suspeitavam.

O gordo teve o império de agredir o engenheiro. Havia contratado os serviços dele, para quando se tornasse proprietário do sobrado. E considerava-se traído, pela segunda vez. Procurou de novo o banqueiro.

O próximo a fazer uso do microfone foi o diretor do Patrimônio Histórico. Já nas primeiras palavras, mesmo sem saber, ele reacendeu as esperanças do ávido interessado na aquisição do imóvel.

—Reconhecemos o drama da família Amendoeira. Condoemo-nos até—dizia o palestrante—, mas as verbas da prefeitura, infelizmente...

Pelas manifestações, percebia-se que o ânimo dos visitantes esfriava. Nesse instante, Maria de Fátima deu pela falta da enteada e, na sequência, de Jorge e de Fernando. No meio da confusão das pessoas, ela procurou José Carlos.

—Sabes do teu filho?

O sangue subiu no rosto do pai.

—Não me diga que ele e Janaína sumiram de novo!

Mafalda, que estava por perto, intrometeu-se.

—Vocês não dão folga para esses dois, hein! Deixem as crianças.

—Minha preocupação não é com o que vocês estão a pensar—esclareceu Maria de Fátima.—Fernando também desapareceu. Estou a ter um mau pressentimento!

—Aquele jornalista de uma figa!—desabafou José Carlos.

Percebendo a exaltação dos familiares, Manuel Louco se aproximou.

—Eles foram para o Palácio de Queluz. Eu vi quando saíram apressados—e, depois de informar, continuou falando, os olhos voltados para o alto, como se conversasse com o teto.—É hoje, Mateus Vicente, tu também, meu companheiro Vicente, que os espíritos de vocês descansarão em paz, na eternidade.

—Amalucou de vez—comentou Mafalda.

—Palácio de Queluz!—exclamou Maria de Fátima.

—Tu não podes acreditar no que um louco diz—rebateu a tia.

27 FOI UM DEUS-NOS-ACUDA

Até o momento em que Maria de Fátima deu por falta da enteada, alguns fatos já haviam acontecido no bosque de Queluz.

Cada um amarrado numa árvore, Jorge, Janaína e Fernando conversavam, aproveitando que o mascarado tinha ido espiar o trabalho dos seus capangas.

—Gostaria de saber como foi que eles descobriram o local antes de nós—falou o rapaz.

O jornalista se debatia com as cordas, tentando livrar-se. Esforço em vão.

—Apertaram demais esses nós!—ele reclamou.

Um vento úmido começava a soprar, prenunciando chuva. De repente, os três ficaram em silêncio. De onde estavam, ouviam o falso estrangeiro gritando.

—*Andar depressa com isto, rapazes!*

Quanto mais medo Janaína sentia, mais aparecia em sua mente a imagem do terreiro de mãe Naninha. A garota fez um cálculo de cabeça. Mais ou menos por aqueles dias encerrava-se a iniciação de Conceição no candomblé.

O pensamento de Jorge também funcionava. Não conseguia tirar da idéia a impressão de que conhecia a voz do mascarado. E Fernando não se conformava com a ausência de seguranças no parque.

Mas o tempo passava e o motorista do jornal se cansou de esperar. Entediado, resolveu dar uma volta a pé pelos jardins. Mas em vez de entrar pelos fundos, rodeou o palácio, com a intenção de cruzar a frente do edifício. Quando ia dobrando a esquina do prédio, viu as luzes que saíam do fundo do canal, do lado oposto.

Num primeiro instante, imaginou que fosse o jornalista com os jovens. Aproximou-se. Foi então que notou o mascarado à margem do lago, conversando com os seus homens.

—Como é dura essa parede!—disse um deles.

—Só tem pedra aqui!—comentou outro.

—*Continuar, continuar. O tesouro dever estar bem profunda. O velho arquiteto não ser boba!*—disse o de máscara.

—Pára de falar desse jeito! Não tem ninguém nos ouvindo!—falou um terceiro.

—E aqueles três ali?—dessa vez, ele se esqueceu do sotaque.

—Estão longe!—a voz veio de dentro do canal.

À essas alturas, o motorista estava agachado atrás de um arbusto. Logo compreendeu que Fernando, Jorge e Janaína corriam perigo. Esgueirando-se junto às paredes do palácio, aproveitando as sombras da noite, ele voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo. Alcançou o carro e saiu em disparada para o sobrado dos Amendoeira.

Chegou bem na hora em que Mafalda tentava convencer Maria de Fátima a não ligar para o que Manuel Louco dizia.

Era também a vez de Fernando discursar. Mas como ninguém sabia onde o jornalista estava, o diretor do *Correio de Portugal* ia falar no lugar dele. Ia, se tivesse dado tempo. O motorista o alcançou antes que ele subisse no palanque improvisado, e cochichou em seu ouvido.

O homem retrocedeu. Procurou o diretor do Patrimônio Histórico, que falou com o engenheiro de obras, que falou com o deputado, que falou com o vereador, que falou com o diretor do Banco Imobiliário, que aproveitou para deixar o gordo comprador falando sozinho, porque companhia tão pegajosa ele não aguentava mais.

A história chegou aos ouvidos de José Carlos, de Cecília, de Maria de Fátima. Os Amendoeira ficaram apavorados. Mafalda desmaiou e foi um Deus nos acuda para saber quem fazia o que numa situação daquelas.

Com tantas autoridades presentes, não faltavam seguranças do lado de fora. Correram todos, escadas da Afama abaixo. Na avenida, era um carro atrás do outro arrancando.

José Carlos foi buscar o microônibus da Vale Verde Turismo. Sem pensar duas vezes, Maria de Fátima foi com ele. Cecília ficou. Alguém tinha de cuidar de Mafalda, caída no meio da exposição. Joaquim e Isabel pareciam dois abobalhados.

O vento assobiava pelas ruas estreitas da Alfama. Os visitantes, atarantados, não entenderam muito bem o que havia se passado. Num segundo, abandonaram o local, cada qual com suposição na cabeça.

—Vai ter outro terremoto em Lisboa!

—A Península Ibérica se separou da Europa!

—O rio Tejo secou!

E muitas outras loucuras ainda foram ditas, à boca pequena.

Mas o comboio de automóveis, oficiais e particulares, já seguia em extrema velocidade pelas estradas da Estremadura. Os políticos a caminho, com seus telefones celulares, contataram o Chefe da Polícia, que acionou as delegacias de plantão. Várias viaturas apareceram depressa. O Palácio de Queluz ficou cercado, com o próprio chefe da Polícia comandando a operação.

Ele ia na frente, seguido pelos policiais. Depois vinha o pessoal da imprensa e demais autoridades. Até mesmo o gordo, vermelho de raiva e bufando. Por fim, estava José Carlos. E a última de todas era Maria de Fátima, andando devagar, rezando.

Segundos antes, depois de muito perfurar parede, os ladrões haviam encontrado uma bolsa de couro. Um deles enfiou o braço no buraco e tentou puxá-la.

—Arre, como pesa! Não dá nem para dizer quantos quilos tem isto aqui!

Com muito custo, ele trouxe o saco para a borda da estreita abertura.

—*Poder deixar agora! Eu é quem confere isto!*—gritou o mascarado.

Ele se preparava para pular dentro do Lago Grande quando percebeu o movimento de gente. Teve tempo de se esconder atrás de uma árvore, antes que o Chefe da Polícia gritasse:

—Parados, todos!

Potentes holofotes iluminavam o fundo do lago, agora de cima para baixo. Dezenas de metralhadoras estavam apontadas para os homens, ainda de martelos e talhadeiras nas mãos.

O comandante da ação destacou alguns policiais para algemarem os ladrões, enquanto a cena era gravada pelas câmeras das emissoras de televisão.

28 UM PASSO EM FALSO E ELA MORRE

Pouco interessada em ver a prisão dos bandidos, Maria de Fátima perambulava pelo parque, procurando Janaína, Jorge e Fernando.

Os três já haviam percebido o movimento dos policiais pelos lados do lago e julgavam-se salvos. Vendo a madrastra passar a alguns metros de distância, a enteada gritou:

—Mãe, estamos aqui!

Maria de Fátima não conseguiu aproximar-se. Saindo das sombras, vindo por trás, o mascarado agarrou pelo pescoço. O revólver brilhou, refletindo a fraca iluminação do bosque, bem junto do rosto dela.

—*Desculpar por este, senhora!*—disse o falso estrangeiro, empurrando Maria de Fátima na direção onde estava o ajuntamento de pessoas.

Janaína presenciou a cena e pensou na tia Conceição, ainda com mais força.

Segurando firme a sua presa, o líder dos ladrões foi até à beira do Lago Grande.

—*Soltar meus rapazes*—ordenou ele—, *ou ela morre.*

—Minha irmã!—exclamou José Carlos.

A comoção foi geral. O Chefe da Polícia hesitou. Mas acabou obedecendo.

—Guardas, abram as algemas!—ele disse.

Imediatamente, os homens começaram a escalar as paredes do canal, largando o ouro. O mascarado gritou de novo:

—Pegar a sacola, seus parvos! Foi para isto que nós vier aqui!

O homem magro, que sempre ameaçava Janaína, voltou para apanhar a bolsa. Era muito pesada. Ele teve de achar um parceiro. O Chefe da Polícia, os guardas, os políticos, os jornalistas e todos os demais assistiam impotentes. Um ladrão ajudando o outro a jogar o ouro para a margem externa do lago.

Houve uma tentativa de reação por parte dos policiais. O mascarado percebeu e avisou:

—*Um passo em falso e ela morre. Eu já dizer!*

O cano do revólver deslizava pelo pescoço de Maria de Fátima. Ela suava e continuava a orar.

Janaína, ainda que distante, podia imaginar o que estava acontecendo. O pensamento da garota, no entanto, continuava no Brasil. E, embora ela não suspeitasse, o pedido de socorro, que inconscientemente emitia, já havia atravessado o mar. Tinha chegado na Bahia.

29 UM TRABALHO DE SALVAMENTO

A casa de candomblé de mãe Naninha estava enfeitada com folhas de palmeiras. Ia começar uma grande festa, com o terreiro cheio de gente.

Na camarinha, Conceição vestia o traje da origem: saia branca, com um pano vermelho amarrado por cima; colares de contas, descendo sobre o colo; nas mãos, um alfanje e, na cabeça careca, a coroa de franjas, que escondia o rosto. Estava completa a filha de Iansã.

De repente, ela teve uma sensação esquisita. Foi como se o frio de um metal roçasse no seu pescoço. Uma convulsão no estômago subiu pelo esôfago até a faringe. Dai, atingiu a testa, que sacudiu forte, num gesto involuntário.

—É o santo chegando—disse a mãe pequena, que ajudava na preparação da iniciada.

Conceição sabia que não. Era uma visão muito nítida que aparecia em sua mente. Por um segundo, pensou que tinha chegado a hora da sua vingança. Era só não fazer nada e Raimundo poderia ser só dela. Mas, no instante seguinte...

—Maria de Fátima!... Janaína! – ela gritou, com os olhos arregalados por detrás da franja.

Vendo o estado da iaô, a mãe pequena correu a chamar mãe Naninha.

A negra velha—com sete saias, blusa de renda, colares de muitas cores—veio depressa. Com o olhar firme, a fisionomia forte, de quem conhecia os segredos dos santos e detinha mota sabedoria, ela disse:

—*Pobrema com seus parente, não é, fia?*

—Minha sobrinha e minha cunhada estão em perigo, minha mãe. Eu sinto! Preciso que a senhora jogue búzios. E é agora!

—*Avisa os otro que a festa do nome vai atrasá!*—mãe Naninha falou para a mãe pequena.

Ela referia-se ao encerramento dos trabalhos de iniciação, momento em que os filhos-de-santo recebiam, dos seus próprios orixás, um novo nome, pelo qual seriam chamados na seita.

—É um caso de vida ou morte!—completou Conceição.

A ialorixá também percebia a urgência do caso. Rapidamente, levou a iaô para o terreiro. Um dos visitantes julgou que a cerimônia ia se iniciar e que atrás de Conceição

entrariam os outros iaôs. Começou a tocar uma sineta, de forma insistente. O público presente se agitou.

Mas ainda não era a hora. Mãe Naninha pediu silêncio. Com toda altivez, sentou-se no lugar de honra, que a sua autoridade de dona da casa lhe conferia. À frente dela, estava o oráculo. Ajoelhada diante dele, Conceição.

A mãe-de-santo segurou as conchas entre as mãos, chacoalhou e as lançou sobre a palha. A expressão da velha se tornou tensa. Sem mover-se do lugar, os olhos fixos no que os búzios diziam, ela chamou todos os ajudantes do terreiro. Explicou o que se passava e anunciou, para toda a platéia:

—*Vamo tentá um trabaio de salvamento!*

Como era dia de festa, os sacrifícios a Exu e as oferendas aos orixás já tinham sido feitos. Os iaôs mais antigos e os recém-iniciados foram convocados ao terreiro. A sineta soou novamente. Os atabaques começaram a bater. Mãe Naninha pessoalmente comandava as evocações.

—Epa Heyi Oya... Epa Heyi lansãl—ela gritou junto de Conceição.

A filha-de-santo estremeceu. A orixá se manifestou no corpo dela.

—*Deusa dos vento e das tempestade!*—continuou a ialorixá.—*Ajudi os parente dessa tua fia, que'estão em perigo no além-má.*

30 A FORÇA DO DEUS GUERREIRO

No bosque de Queluz, o vento parecia cada vez mais furioso. Nuvens negras, que momentos antes eram vistas a distância, cobriam agora o palácio e redondezas. Um raio cruzou o céu seguido de grande estrondo. Clareou todo o Lago Grande. O brilho da faísca ricocheteou no cano do revólver, que o mascarado ainda segurava, rente ao pescoço de Maria de Fátima.

—*Andar mais depressa!*—ele gritou, assustado com o tempo.

Tinha a intenção de fugir, levando o ouro e usando a refém como escudo. Se não fosse a dificuldade com que os comparsas lutavam para erguer a sacola, eles já teriam escapado.

O Chefe da Polícia, os policiais, as autoridades e o pessoal da imprensa continuavam sem poder fazer nada.

Enquanto isso, na Bahia, mãe Naninha não descansava. Consultou o oráculo de búzios mais uma vez.

"Os raio de lansa já assustô o malfeitô", pensou ela. "Exu sentô em cima da sacola do ouro. Mas ainda tá faltano a força do deus guerreiro, do senhô dos metal. "

A negra velha voltou para o meio do terreiro. Com um gesto de braço orientou o alabê—encarregado dos atabaques—a mudar o ritmo das batidas. Depois, chegando perto de um iaô, vestido de azul, gritou:

- *Ogum iêêê!*

- *Ogum iêêê!* —repetiram alguns presentes.

Nesse momento, o mascarado dos jardins de Quelúz, puxando sua refém, começava a se afastar da margem do Lago Grande.

—*Ninguém se mexer até eu e meus rapazes ir embora*—ele avisou, andando de costas.

Três homens arrastavam o ouro pelo gramado. Os olhos do bandido, a única parte do seu rosto à mostra, moviam-se atentos de um lado para outro. Já esboçavam um brilho de vitória, quando ele tropeçou num buraco do caminho.

O revólver escapou da mão dele, deu um giro no ar, foi parar no chão, a metros dali.

Maria de Fátima aproveitou o momento. Livrou-se das garras do mascarado e correu. As metralhadoras todas se ergueram.

—Mãos para o alto, todos—gritou o comandante da operação.—Você também aí atrás, nem mais um passo, ou nós atiramos!

Um dos ladrões já ia adiante, com a intenção de ligar o carro para a fuga.

Não havia mais saída para o líder e seus liderados.

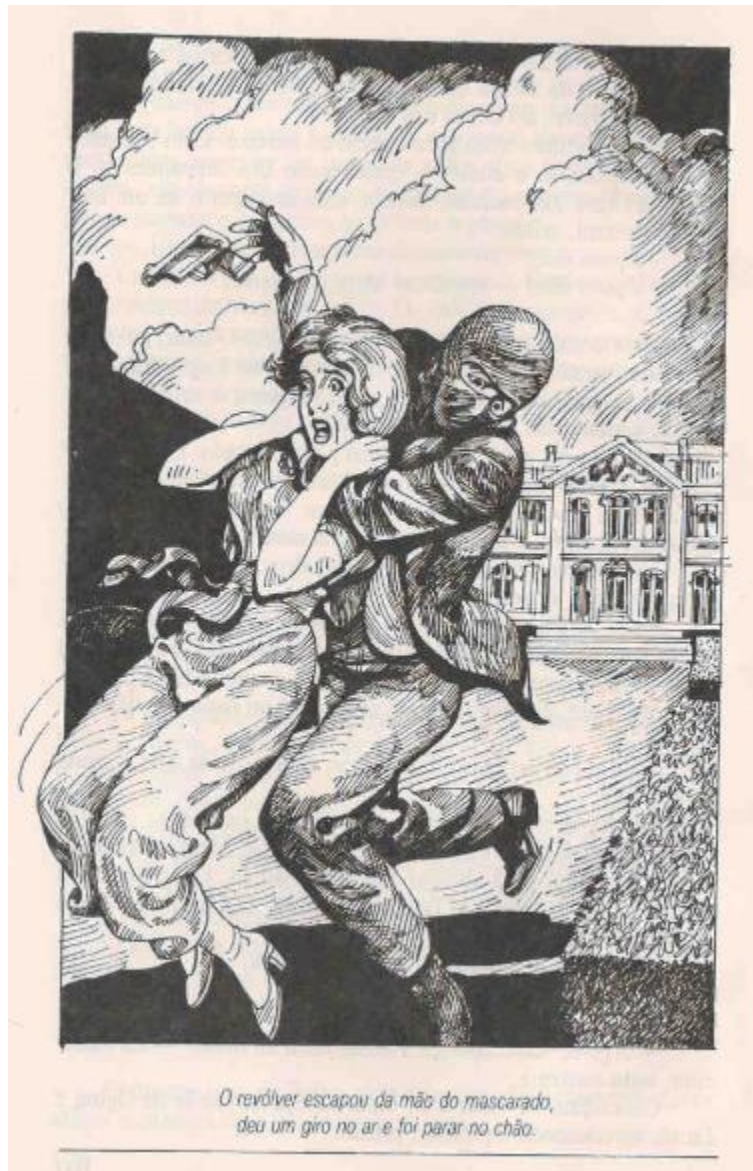
Alguns guardas foram desamarrar Janaína, Jorge e Fernanda. Os três correram para abraçar Maria de Fátima. Outros guardas algemaram os ladrões e o falso estrangeiro. O Chefe da Polícia arrancou a máscara dele.

—Pedro!!—muitos ali o reconheceram.

Mãe Naninha visualizou tudo nos seus búzios.

—*Agora, vamo começá a nossa festa do nome!*—ela anunciou, toda contente.

Conceição, de volta a si, batia cabeça nos pejis de Ogum e Iansã, agradecendo e pedindo perdão.



31 ORA, MINHA TIA, ME DEIXE!

Os seguranças de Queluz foram encontrados, amarrados e amordaçados, dentro do palácio.

Nos jardins, o Chefe da Polícia conferiu a José Carlos a honra de abrir a sacola. Milhares de moedas brilharam sob a luz dos holofotes: eram dobras de quatro escudos, de D. José I. Mas o valor de cada uma, em peso de ouro, ultrapassava em muito a cifra gravada.

Junto, no saco, havia um pergaminho, assinado pelo marquês de Pombal, documentando a recompensa paga a Mateus Vicente.

—Ninguém pode contestar que essa riqueza te pertence, José!—disse o policial.

Os Amendoeira nem conseguiam calcular o quanto aquela fortuna representava em escudos, nos dias de hoje. Mas sabiam que o dinheiro daria muito bem para pagar a hipoteca, restaurar o sobrado...

—E reabrir a nossa loja, Jorge!—exclamou o pai, abraçando o filho.

As emissoras de rádio e televisão transmitiam ao vivo aquela emoção.

No sobrado, Cecília, Isabel, Joaquim e Mafalda, recuperada do desmaio, já estavam informados dos acontecimentos.

Vendo no vídeo a imagem do filho algemado, a velha confessou:

—Fui eu que roubei a primeira mensagem. Escutei quando Jorge e Janaína falavam sobre o segredo de Vicente, na soleira do sobrado. Logo percebi que a enteada negra de Maria de Fátima era a única pessoa capaz de seguir as trilhas de Mateus. Fingindo ser um risco de bordado, mostrei a ela o desenho que encontrei na tira de couro. Daí para a frente, foi só ficar atenta, e informar a Pedro os movimentos da menina... E hoje, ouvi Jorge e ela conversando sobre os sete livros do porão.

Nesse instante, Mafalda suava frio. Começou a falar de um modo insano.

—... Afinal, depois de Vicente, sou eu a herdeira natural desse ouro... Também sou uma Amendoeira. Por que que a linha de descendência é sempre marcada pelos homens da família?... Por quê, hein? Ninguém tem mais direito a esse ouro do que eu... Ninguém!

De repente, ela sentiu um aperto na boca do estômago. A pele ficava cada vez mais gelada.

—Acalma-te, tia, pelo amor de Deus!—pediu Cecília.

Joaquim viu a velha ter convulsões, como se fosse vomitar. Não fez nada. Isabel foi à cozinha preparar um chá. Ao voltar, ela mesma o tomou. Mafalda estava morta. Caída no tablado que havia servido a tantos discursos.

Quando José Carlos, Maria de Fátima, Janaína e Jorge retornaram à casa, tiveram outra noite sem dormir. O velório foi montado no meio da exposição. Manuel Louco ficou por ali, ainda com a roupa da festa.

—Ela vai se encontrar com o irmão. Lá em cima, eles resolvem quem tem mais direito de ficar com o ouro.

Os pais de Cecília só esperaram pelo enterro. No dia seguinte, Isabel falou:

—Vamos, Joaquim, para o nosso Algarve. A vida lá é muito mais calma.

Maria de Fátima e a enteada também viajaram. Julho estava terminando. As aulas das duas iriam recomeçar.

Assim que elas partiram, os Amendoeira começaram a reorganizar a vida deles. Preocupado com o jeito meio distante do filho, José Carlos disse:

—Acabou, Jorge. Esqueça essa menina, de uma vez por todas. Temos bastante trabalho pela frente, e precisamos de ti bem animado.

Jorge ouviu em silêncio. Apenas pensou:

"Eu nunca vou esquecer!"

E se ele não esqueceu, Janaína muito menos. De volta à Bahia, ela conversava agora com Conceição.

—... Quem tinha ido ao Arquivo Municipal, antes de nós, era Pedro, que nunca saiu de Lisboa. Só foi a Coimbra no mesmo dia em que eu e Jorge estivemos lá. Mafalda telefonou para ele, avisando. O engenheiro de obras também pesquisava a vida de Mateus, mas era para projetar a restauração do sobrado.

—E quem revirou a casa?—perguntou a tia.

A garota sorriu.

—Foi Manuel Louco. Ele tinha bebido quase um garrafão de vinho, durante o velório. E, na hora que o enterro saiu, ficou esquecido na cozinha. Como desconfiava de que Vicente havia encontrado alguma pista, resolveu procurar. Bêbado que nem não sei o quê, acabou fazendo aquela bagunça no sobrado. Aí, teve vergonha de falar a verdade. Mas, depois, resolveu contar tudo.

Por fim, Janaína narrou os acontecimentos da noite da exposição. Relembrou cada detalhe, até o momento em que Pedro havia deixado cair o revólver.

—E aí, vocês não ficaram com nada daquele ouro todo? —quis saber Conceição.

—José Carlos pagou todas as nossas despesas de viagem! —respondeu a garota.

—Só isso!—a tia achou uma mesquinha.

—As dívidas deles lá em Portugal eram tantas que não ia sobrar muita coisa...

As duas passeavam na orla da praia do Rio Vermelho. Janaína atravessou a avenida, foi até o canteiro central, apanhou um lírio do jardim e voltou.

—Aonde você vai?—quis saber Conceição.

A garota tirou as sandálias, desceu à praia. Chegou junto ao mar, contou algumas ondas e jogou a flor.

—Obrigada, Mãe das Águas! A senhora atendeu ao meu pedido.

Conceição já estava por perto.

—Qual pedido?

—Ela me arrumou um namorado!—foi a resposta de Janaína.

—Mas o pai dele não impediu esse namoro?—rebateu a tia.

—Impedir, ele impediu. Mas antes de eu vir embora, Jorge me disse que no coração dele o pai não manda. E que nas férias do fim do ano, ele vem para o Brasil... Agora, já vou indo! Tenho de escrever uma carta.

Janaína correu, levantando areia com os pés descalços. A saia de tecido leve, rodada, subindo com o sopro do vento. Os seios, sem sutiã, firmes e livres debaixo da blusa.

Sozinha na praia, vendo a garota distanciando-se, Conceição gritou:

—Janaína, amanhã tem trabalho no terreiro!

—Ora, minha tia, me deixe!

Que relação podem ter os orixás africanos com a História de Portugal? Quando Janaína e Jorge conseguirem responder a essa pergunta, estarão prestes a encontrar um fabuloso tesouro. Mas os dois não podem imaginar que há mais gente seguindo as mesmas pistas. Em ***O segredo dos sinais mágicos***, Sérsi Bardari reúne o sobrenatural e a realidade, numa aventura emocionante com momentos de ação e grande suspense.

LEIA TAMBÉM DE Sérsi Bardari NA SÉRIE VAGA-LUME

■ A MALDIÇÃO DO TESOURO DO FARAÓ ■ AMEAÇA NAS TRILHAS DO TARÔ

 ISBN 85 08 04443 7